

REVISTA  
POTIGUAR  
REVISTA



# CESAR S.A.

Azulejos Klabim — Papel e artigos de Papelaria da Iris — Produtos Químicos do I. C. I.  
— Estoque de cofres e arquivos "Bernardini" — Máquinas de costura "Supervisor" —  
Bombas para máquinas agrícolas  
CAIXA POSTAL, 171 — TELEG. DALTON — RUA DR. BARATA, 209  
NATAL — RIO GRANDE DO NORTE

## "CASA RUBI"

Mande confeccionar suas roupas na Alfaiataria  
da Casa "RUBI"

Rua Dr. Barata 202 — Ribeira

Completo Sortemento de:

Casemiras  
Tropicais  
Linhos

Natal — Rio Grande do Norte

## CASA DOM BOSCO

DE  
MANOEL FIGUEIREDO

Fino sortemento de perfumarias, Bijotérias,  
Armarinho, Artigos para presente etc.

Rua Presidente Bandeira, 412  
Fone — 20-40 — Alecrim

NATAL — RIO GRANDE DO NORTE

## CASAS AGUIAR

DE  
LUZARDO DE AGUIAR BEZERRA

Praça Gentil Ferreira, 1374

Rua dos Paianazes, 1359 — A

Vendas em Grosso e a Varejo de Perfumarias  
Miudezas — Armarinho e mais um mundo  
de outros artigos, pelo Melhor Preço da Praça

NATAL — RIO GRANDE DO NORTE

## DROGARIA BRASIL

J. CABRAL FAGUNDES

Rua Dr. Barata 176 — Fone 11-75

Drogas e produtos farmaceuticos em grosso  
e avarejo, a preços da fábrica.

Distribuido res dos Produtos Gunther do Brasil.

Filial — FARMACIA SANTA LIGIA,  
Rua João Pessoa, 174

Preços especiais para revendedores

NATAL — RIO GRANDE DO NORTE

# POSTO SHELL

SEVERINO UCHÔA

Av. Rio Branco, 300 — Fone 20-72

Serviço completo de abastecimento

Lavagem e Lubrificação para todos os tipos de Automoveis.

Vulcanização e Cargas de Baterias — Pneus e Baterias "ATLAS" — Acessorios  
Aberto Constantemente

## FILIAL

RUA DR. BARATA, 195  
CAIXA POSTAL, 91  
TELEF. — 22-36  
TELEG.: "LABOR"

## MATRIZ

RUA ULISSES CAL-  
DAS, 113  
TELEF.: 19-06  
CIDADE ALTA

# A NOVA PARIS

DE BONIFACIO & CIA.

DUAS LOJAS DE MIUDEZAS, PERFUMA-

RIAS E ARTIGOS FINOS PARA

PRESENTES.

NATAL — RIO GRANDE DO NORTE

# REVISTA POTIGUAR

ORGÃO LITERÁRIO E NOTICIOSO

ANO I

RIO GRANDE DO NORTE — — NATAL — JUNHO-57

N. 2

## REVISTA POTIGUAR

Diretor

**BRENO FERNANDES  
DE OLIVEIRA BARROS**

Secretario

**JOÃO AGUIAR DE  
AMORIM GUIMARÃES**

Gerente

**JOÃO TEIXEIRA DE  
CARVALHO**

Redação e Gerencia

Av. Tavares de Lira, 96

1.º Andar

Fone — 13-43

### ASSINATURAS

Ano . . . . . 100,00

Semestre . . . . . 50,00

Num. Ayulso . . . . . 10,00

O Rio Grande do Norte produz o melhor algodão do mundo. E o melhor sal. E o melhor açúcar. E é um dos maiores produtores de cêra de carnauba. E é no Rio Grande do Norte onde estão localizadas as maiores minas de tungstênio do mundo.

## Uma Administração Consciente e Fecunda

O Governador Dinarte Mariz continúa, na sua faina gloriosa — com a sua decisão de trabalhar e vencer — dando ao Brasil um belo exemplo de patriotismo, de energia moça e de trabalho fecundo e produtivo. Este mesmo exemplo êle já havia dado ao Rio G. do Norte, desde o início do seu Governo, com as suas atitudes serenas, mas enérgicas; e com os seus atos sensatos e eficientes.

E, sem termo de continuidade, com a mesma energia e a mesma disposição, à frente dos destinos do Estado, continúa ditando sábias lições de democracia e de administração, lições que êle próprio põe em prática, promovendo a organização perfeita de todos os setores administrativos. E, dentro deste prisma, apreciando, sem paixão política, a administração do atual governador, vemos que não é o homem político quem governa o Estado. Não. Quem governa o Estado é o patriota DINARTE MARIZ — administrador consciente — fiel aos seus princípios de honestidade, certo dos seus compromissos de honra, de ser, intransigentemente, o Governador comum de todos os riograndenses do norte, usando para todos a mesma justiça, dando-lhes direito à mesma equidade e colocando-os sempre no mesmo plano de direito, de merecimento, de igualdade e de respeito.

E' que o Governador Dinarte Mariz possui personalidade própria, distinta, inflexível. Jamais se deixou ou se deixará envolver em questões que não visem o bem estar dos seus coestadanos e o progresso do Estado.

Dentro da justiça e do direito, aparece sempre como um juiz consciente do seu dever e irredutível nos seus julgamentos. Isto porque é, de natureza própria, um administrador que sabe empregar a lei constitucionalmente; e que, além de tudo, possui coragem para empregá-la, quando necessário, sem temor, de frente, com a responsabilidade que o caracteriza como um dos baluartes morais da Potiguarânia.

Não é preciso enxergar muito para verificar, facilmente, que êle encarna a personalidade ímpar de um governo inteligente, de coragem, possuidor de uma visão clara e profunda que o torna capaz de empreender e de realizar uma administração marcante na vida do Estado, porque, dotado de um tino administrativo que o distingue e o eleva, age com naturalidade e desassombro, certo de que traduz os anseios da coletividade.



(CONCLUE NA PAG. 37)

# Encantos de Natal

Z E Z E'

Natal possui belezas naturais como nenhuma outra cidade do Brasil, com exceção, é claro, do Distrito Federal, pois ali a natureza foi fartamente pródiga.

Cidade cheia de acidentes e ladeiras, de altos e baixos, o que a torna pitoresca, estende-se, na orla do mar, sobre praias encantadoras e férteis de belezas naturais, em tal profusão que, sendo as praias uma junto das outras, separadas por distâncias, às vezes, pequeníssimas, todas elas são diferentes entre si. Todas elas têm o seu panorama próprio. Depois, o Rio Potengi, depois a orla verde, de sítios pitorescos que cercam a cidade, ao sul e a leste; e depois ainda as dunas e a profusão de morros...

Temos, enfim, tantas belezas naturais que, nós próprios natalenses, não conhecemos. E para provar isto, basta dizer que poucos natalenses conhecem um dos mais lindos recantos de Natal...

O Rio Potengi, mais ou menos em frente às Rocas, forma duas Cambôas grandes que se comunicam, internamente, por um braço de rio, e descem, juntas, formando um prolongamento do rio, até Igapó. Uma tem o bonito nome de Cambôa de Manimbú e a outra, o de Jaguarí.

Penetrando-se por qualquer delas, logo um pouco adiante, avista-se então um dos recantos mais lindos da natureza. O olhar perde-se na contemplação bonita, vendo, por todos os lados, tantos acidentes lindos e maravilhosos que os olhos ficam sem saber o que fitem primeiro e onde demorem mais, na contemplação feliz e estarrecida.

Pois bem. É este um dos recantos de Natal desconhecidos. Talvez mesmo dez por cento da população não o conheça. Porque, quem passa, de bote ou de lancha, rumo a Ridinha, olha a embocadura das Cambôas, admirando os acidentes pitorescos, mas não faz uma idéia da beleza natural, agradável e extensa, que está por traz dos mangues verdejantes. Ali, a natureza veste a roupagem multicôr de um encanto sublime. Aqui, o rio desce silencioso e alegre. Além, os morros, às vezes cobertos de árvores, outras ve-

(Continúa na página 32)

# Peixe Japonês

No primeiro número de Revista Potiguar de Comércio, abordamos o assunto da pesca dos japonezes, na costa do nordeste.

Confessamos, porém, que um tanto de bairrismo exagerado levou-nos a condenar a concessão da licença aos nipônicos, para pescarem em águas brasileiras. E reivindicávamos este direito para a nossa gente, para os nossos pescadores pobres e cheios de dificuldades e problemas.

Depois disto, fomos assistir a chegada, ao porto de Natal, do navio de pesca japonês KAIO-MARÚ. E mudamos de idéia. Somos hoje de acordo que os japonezes deveriam ter vindo com Pedro Alvares Cabral, desde 1500. Então, a base da nossa alimentação, desde aquela época até hoje, teria sido o peixe. O peixe fácil, abundante, gostoso, que toda vida existiu nos nossos mares, "bem ali", em quantidade inacabável.

Nós é porque fomos "descobertos" por acaso e o "acaso" ficou atuando na nossa vida, em todos os nossos atos, desde aquela época até hoje e daqui por diante até a consumação dos séculos.

Os nossos pescadores, se pescam de "dormida", ou melhor: se passam uma noite no mar, ganham a classificação admirável de "bichos danados", de "heróis", de lobos do mar...

E por isto mesmo, só voltam ao mar obrigados pela necessidade, quando já não possuem um centavo do produto da pescaria anterior.

Agora, estamos ali vendo o trabalho natural dos pescadores nipônicos. Voltavam do mar, depois de trinta dias de pescaria ininterrupta, com o barco cheio. Traziam, desta viagem, "apenas" 160 toneladas de peixe. Mas, apresentavam, todos eles, a mesma fisionomia natural e simples, bem diferente da dos nossos pescadores quando voltam à terra, trazendo 100 ou duzentos quilos de pescado, quando, então, se tornam irascíveis e intratáveis.

Deante daquela fartura de pescado, arriscamos uma pergunta:

— E agora, quando voltam os japonezes ao mar, para nova pescaria?

O nosso interlocutor sorriu, ao responder:

— É só acabarem de descarregar o barco...

A resposta, para nós que também já fomos amigos da farra e das noitadas deliciosas de orgias ardentes de amor e de alegria, bem merecia vir acompanhada daquele sorriso eloquente, que dizia tudo...

Dizia tudo, sim, mas dizia principalmente que, se fossemos nós que viessemos chegando de uma pescaria, trazendo toda aquela fartura de peixe, só voltaríamos ao mar quando as noitadas felizes das orgias tivessem consumido o último centavo do farto produto da farta pescaria.

E ficamos olhando os enigmáticos nipônicos, trabalhando com ardor para descarregarem logo toda a volumosa carga do barco e, sem perda de tempo, rumarem imediatamente para o mar, para nova e rendosa pescaria.

E depois, saímos pela cidade afora repetindo a mesma mentira convencional, tão brasileira e de pronúncia tão fácil quanto bôa:

— Coragem para trabalhar nós temos. É porque o governo não nos ajuda...

(POTISA)

LOTEAMENTOS DE TERRENOS

Compre o seu terreno e pague em 100 prestações

Av. Tavares de Lira, 96, 1.º - Natal - R. G. Norte

# Céu de Galeras

JOSE' AGUINALDO DE BARROS

Está situado a cerca de 5.000 metros, acima da terra. Por sôbre éle o azul, do infinito. Numa extensão de milhares e milhares de milhas, veem-se as Caravelas no seu mundo definitivo. Tôdas, mortas que foram, recuperaram a sua forma primitiva após o seu dia final, seu dia de juízo. Formam elas um alongado, de uma brancura que enternéce. São as Caravelas de tôdos os navegadôres audaciosos que singraram os mares desconhecidos, numa busca de descobrimentos e de aventuras. Umas têm a forma de galeras gregas, com um mastro grande só, e velas. Outras, de dois ou treis mastros e velas brancas, de algodão, são ajudadas por remadôres escravos. E as fragatas. E as corvetas. E as náus. E os buques. E os patachos de dois mastros. E as escunas. Singram tôdas para um novo norte nunca encontrado. Um cortêjo alvo, quase que de espumas. Como são bonitas as galeras. Tôdas tripuladas pelas almas dos seus próprios tripulantes. Aquela, transportava especiarias das indias occidentais. Aquela outra, transportava sêdas da China. E mais aquela, vinda do Ceilão. Outras que transportavam a carga humana de nêgros, vinda da Africa. Procedencias diversas, destinos diversos. E outras mais atrevidas, comandadas por homens audaciosos, sem coração, sem fé, sem alma. As caravelas dos piratas. Historias de tesouros, de apressamento, de escravidão. Há, no entanto, entre tantas, umas que contam historias de amor, de renuncia. Depois, aqui e além, as caravelas dos descobridôres, dos idealistas, dos sacrificadôs. Continuam caminhando, inapelavelmente, para o desconhecido. Como são bonitas estas caravelas que adquiriram a sua verdadeira forma, que se materialisaram, após haverem sido sepultadas no fundo do mar, esbarrado com atóis desconhecidos ou, ainda, mortas pela propria lei inutavel do destino — a velhice. Mortas no seu proprio porto seguro.

Tudo é silêncio. Não há o rugir dos ventos. Nem o ranger do poleame. Apenas, enfunadas e pandas, está uma floresta de velas — bujarro-nas, joanetes, gaveas, papafigos, traquetes numa quietude que enlanguêce. Muitas dessas galeras são nossas conhecidas: "Rafael", "Astrolabe",

## COQUEIRO INDIANO

(Ao amigo desembargador  
Virgilio Dantas)



Tenha, embora, o orgulho de estrangeira  
Flora, nêsse vigor das verdes palmas,  
Folgo a ouvir-te a cantiga alvissareira,  
Profunda, da alma imensa de outras almas!

Não sei bem se é canção, ou se canseira,  
A cadenciada queixa que ora ensalmas,  
Numa manhã, assim, clara e fagueira,  
Ou, ao passar da brisa, em tardes calmas.

Não sei se tens, como eu, o ser ferido...  
Sei, porém, que não cessa o teu gemido!  
De ouvi-lo, assim contínuo, já estou farto!

E' o pêso dessa carga portentosa?  
Ou, ao nascer do fruto côr de rosa,  
Sofres a dor santíssima do parto?...

ANTIDIO DE AZEVEDO

### PRECIOSA COLABORAÇÃO

Iniciamos, neste número, uma nova seção, dedicada à família potiguar. E como, neste propósito, o nosso maior cuidado fosse a escolha de um elemento feminino de real valor literário, que pudesse cooperar conosco para melhor brilhantismo de REVISTA POTIGUAR, convidamos a jornalista-Professora CHICUTA NOLASCO FERNANDES, digna esposa do Deputado Dr. Túlio Fernandes, que prontamente acedeu ao nosso pedido e já hoje, com a sua literatura própria e do estilo agradável, inicia uma seção dedicada à mulher potiguar.

O jornalismo e a literatura de Da. Chicuta Nolasco Fernandes não precisam de apresentação, uma vez que se trata de uma intelectual já imortalizada pela crítica e pelos aplausos da opinião pública, em geral.

E por isto mesmo, neste registro — esclarecemos — apenas queremos levar à grande intelectual os nossos agradecimentos à sua aquiescencia de vir cooperar conosco, na feitura de REVISTA POTIGUAR.

"Santa Maria", "La Pintá", "Nina", "Concepcion", "Victory", "Trinidad", "Resolution", "Adventure". Uma nomenclatura de sonhos.

Nas pontes de Comando o à Roda do Leme, estão figuras convictas do seu idealismo e portadôras de uma coragem de aço: — Vasco da Gama, Laperouse, Colombo, Cabral, Magalhães, James Cook, James Ross. Outras figuras hirsutas comandam caravelas sem nome. Uma bandeira prêta com uma caveira, as identifica — essas figuras, grotêscas e bravas, têm nomes assim: Morgan, Dampier, Barthomews Roberts, Teach, o barba prêta. Não há neste céu de Galeras a turbulencia de outr'ora. Há paz, harmonia, silencio, e beleza. Curvo-me deante de ti, infinito Céu de Galeras.



VERA LUCIA (VERINHA) — Pianista mirim  
— Filhinha do sr. Odilon Roberto Garcia (já fa-  
lecido) e Da. Terezinha Vilár Garcia. Verinha é  
também o encanto dos seus avós, Dr. Odilon de  
Antônio Garcia Filho e sua esposa  
Da. Leticia Garcia



A linda criança MARIA DE FÁTIMA, filhinha  
do jornalista Valdemar Araújo-D. Nair Bezerra de  
Araújo. MARIA DE FÁTIMA é bonita, inteli-  
gente e simpática.



TADEU e CELIA, filhinhos do casal Capitão Teó-  
filo Otoni e da. Pensilvania de Siqueira Otoni —  
e netos do nosso amigo Carlos Siqueira. Como se  
vê, CELIA e TADEU já estão caracterizados para  
o São João deste ano

# Nova Etapa na vida da E. de Ferro Sampaio Correia



Eng. José Bittencourt

Com o fito de trazer a público tudo o que diz respeito á terra comum visando o seu desenvolvimento nos varios setores, não poderia ficar omisso do aspecto de nossa Revista, mormento pelo fato de constituir um dos fatores basicos da nossa riqueza e da distribuição dos nossos produtos, a Estrada de Ferro "Sampaio Correia", ora dirigida pelo engenheiro José Bittencourt, cuja capacidade de trabalho tem operado em nossa principal ferrovia um verdadeiro milagre, pois, sem contar com o material técnico necessário, vem mantendo com certa regularidade as composições que transitam pela "ninterland" do Rio Grande do Norte.

A Estrada de Ferro "Sampaio Correia" inegavelmente tem sido um veículo da nossa expansão econômica, cobrindo hoje, grande parte do interior do Estado, servindo a duas zonas agrícolas com uma precisão que embora não seja ideal vem satisfazendo aos reclamos do comércio e da industria.

Uma das medidas de grande alcance tomadas pela atual direção da E. F. S. C. foi a mudança de horários dos trens de passageiros, adaptando a saída e chegada a Capital do Estado, ao interêsse de tantos quantos se movimentam a trato dos seus negócios. Depois, as vantagens para os passageiros foram positivas, pois, os que se deslocam para o Açú Moçoro e outros pontos da Zona Oeste, podem chegar a Angicos muito cedo com tempo suficiente para alcançar os transportes rodoviários.

O ENGENHEIRO JOSE' BITTENCOURT DA' NOVA ORIENTAÇÃO AOS DESTINOS DA NOSSA PRINCIPAL FERROVIA. — VILA FERROVIARIA — O QUE SERA' CONCLUÍDO NO CORRENTE ANO — AS LOCOMOTIVAS DA "SAMPAIO CORREIA" — SISTEMA DE TRABALHO PREOCUPAÇÃO MAIOR DA ATUAL ADMINISTRAÇÃO

## ASPECTO SOCIAL

Antes de abordarmos o sentido mais objetivo desse trabalho que é que alude ás atividades de imediato interesse coletivo, queremos salientar o trabalho social que o eng. José Bittencourt está pondo em prática, visando os funcionários da "Sampaio Correia".

Além de uma vila ferroviária situada nesta capital, construída em gestões anteriores, mas que só agora vem recebendo as reformas exigidas afim de que possam ser habitadas pelos ferroviários, novas casas visando o mesmo fim estão sendo edificadas no interior, devendo ser iniciada no presente ano, uma vila ferroviária na cidade de João Câmara, antiga Baixa-Verde. Um bem organizado serviço social atende as famílias dos servidores da "Sampaio Correia", enquanto por outra parte, está a assistência médico-dentária, cujo completo corpo clínico além de fazer visitas periódicas aos núcleos mais distantes da ferrovia, atende às necessidades médicas em nossa capital, oriundas da mesma Estrada.

## AS LOCOMOTIVAS

Num dos tópicos acima, dissemos que o eng. José Bittencourt vem operando milagres quando, a custo de muito sacrificio vem mantendo em dia as composições que circulam pelos seus ramais. A situação do material rodante da "Sampaio Correia" é a mais precária possível, contando com 29 locomotivas, muitas das quais fabricadas ainda no século passado, havendo prestado serviços em outras organizações férreas, e por fim, ao sistema do Rio Grande do Norte

Em 1956 a Estrada recebeu uma locomotiva "GARRET", remetida pelo Departamento Nacional de Estradas de Ferro, sendo embarcada no pôrto de Recife. Essa locomotiva, em virtude do estado em que se encontra, está exigindo reparos gerais, sendo esta a razão de ainda não haver entrado no transito.

### MAQUINAS REPARADAS

Visando sempre a pontualidade das composições, com olhos cuidadosos em todos os setores, o atual diretor da "Sampaio Correia" dispensa especial cuidado às locomotivas, pois constituem em elas a alma do movimento ferroviário. Em virtude das máquinas serem antigas, chegando a Natal depois do aproveitamento em outras ferrovias, o trabalho nas oficinas da E. F. S. C. obedece a um sistema diuturno, quasi sempre. Não raro acontece sair uma locomotiva de um reparo geral e dentro de poucos dias voltar para novos concêrtos, por nenhuma culpa dos mecânicos e homens especializados. Fato que muito temos notado, é o atraso felizmente de modo raro na saída das composições, em virtude de uma única máquina disponível estar ainda em reparos. Surgem aí as reclamações do povo, de tantos que pretendem viajar, não raro sérias acusações a direção da Estrada. Enquanto isso acontece, poucos sabem do esforço que o dr. José Bittencourt, cômescio dos seus devêres e de suas responsabilidades junto aos poderes centrais, faz continuadas exposições da situação em que se encontram as locomotivas aqui lotadas, não

tendo sido poucas as vezes que aquele engenheiro tem viajado a Capital da República com o mesmo objetivo. Mas, valho-me do rotineiro adágio da agua môle em pedra dura...

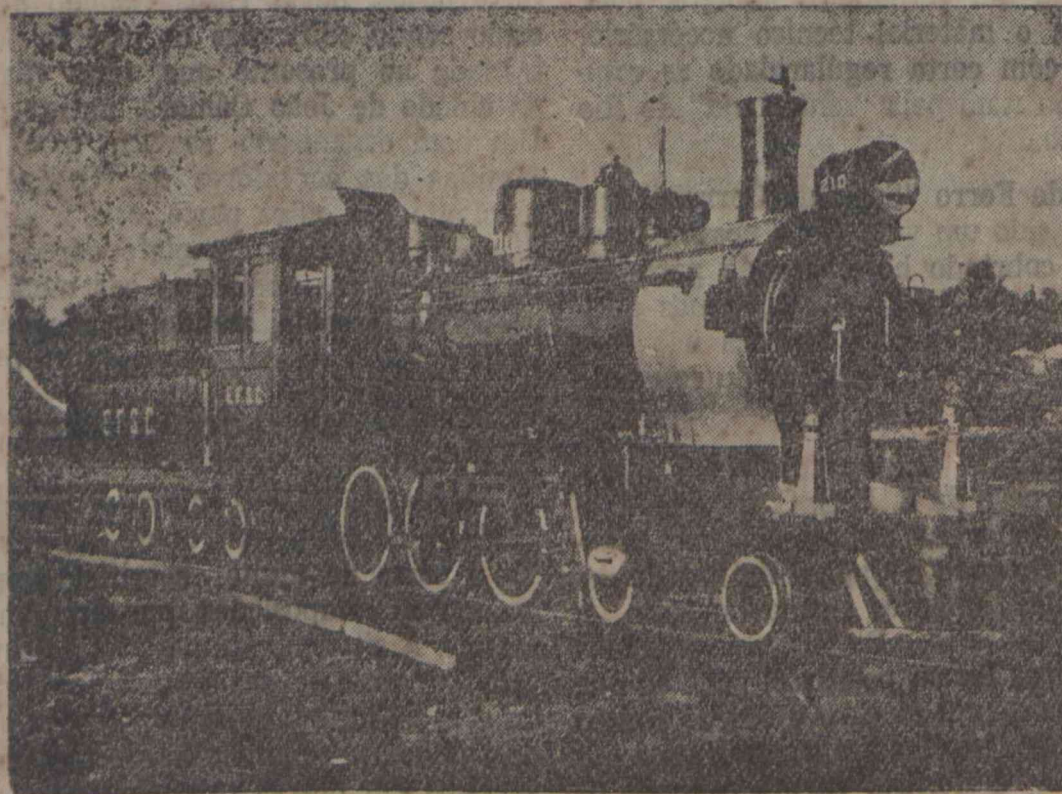
### RECEITA DA ESTRADA

Sem dũvida, pela maior regularidade que os trens da E. F. S. C. vêm oferecendo às populações por eles servidas, a referida ferrovia, no exercicio de 1956 arrecadou a importancia de onze milhões e quinhentos mil cruzeiros, superando assim a receita do ano anterior que foi da ordem de oito milhões e trezentos mil cruzeiros.

Vitória indiscutivel do esforço de uma administração, lutando contra uma série de dificuldades, inclusive com a posição deságradavel de ter de apelar para outras organizações congêneres, buscando suprimentos técnicos.

### SERVIÇOS REALIZADOS

No decorrer do ano de 1956 foram importantes serviços ora em beneficio coletivo, ora em beneficio dos ferroviários. O primeiro trabalho executado e que exigia rapidez, foi o do melhoramento da linha Natal-Nova Cruz. Nas pontes dos quilômetros 44, 45 e 60 foram construidos pilares de concreto armado, buscando-se maior segurança às passagens. Por outro lado, as pontes receberam pintura nova, apresentando ao lado de uma maior resistencia, um aspecto moderno. Nos pontos em que a linha apresentava desgate pelos anos de serventia, foi feita substituição de trilhos e dormentes, num  
(Conclue na página 38)



LOCOMOTIVA RECUPERADA NA ATUAL ADMINISTRAÇÃO



# Centro SESC-SENAC uma realização que honra e dignifica o Rio Grande do Norte

Invertido quasi dez milhões nesta magnífica obra — Sua inauguração no dia 3 do corrente, um grande acontecimento — Presença do Deputado Brasílio Machado Neto, presidente da Confederação Nacional do Comércio — O Governador Dinarte Mariz presidiu o ato inaugural — Outras notas



Industrial Luiz de Barros, Presidente do SESC-SENAC

Constituiu uma nota marcante na vida social — econômica do Estado, a inauguração no dia 3 do mês em curso do edifício onde funcionará o Centro SESC-SENAC. A maravilhosa obra prima da arquitetura moderna está localizado na praça Tomaz de Araujo, em frente a antiga 24a. Circunscrição de Recrutamento, num dos pontos mais centrais da capital. Fruto da harmonia e conjugação de esforços por parte dos líderes do nosso comércio, o Centro SESC-SENAC é capacidade empreendedora e do prestígio que realmente desfruta junto a alta direção da referida entidade, a classe comerciária potiguar. Cerca de 10 milhões de cruzeiros foram gastos nes-

ta obra, por sinal, a única em gênero e proporções em todo território brasileiro. Os

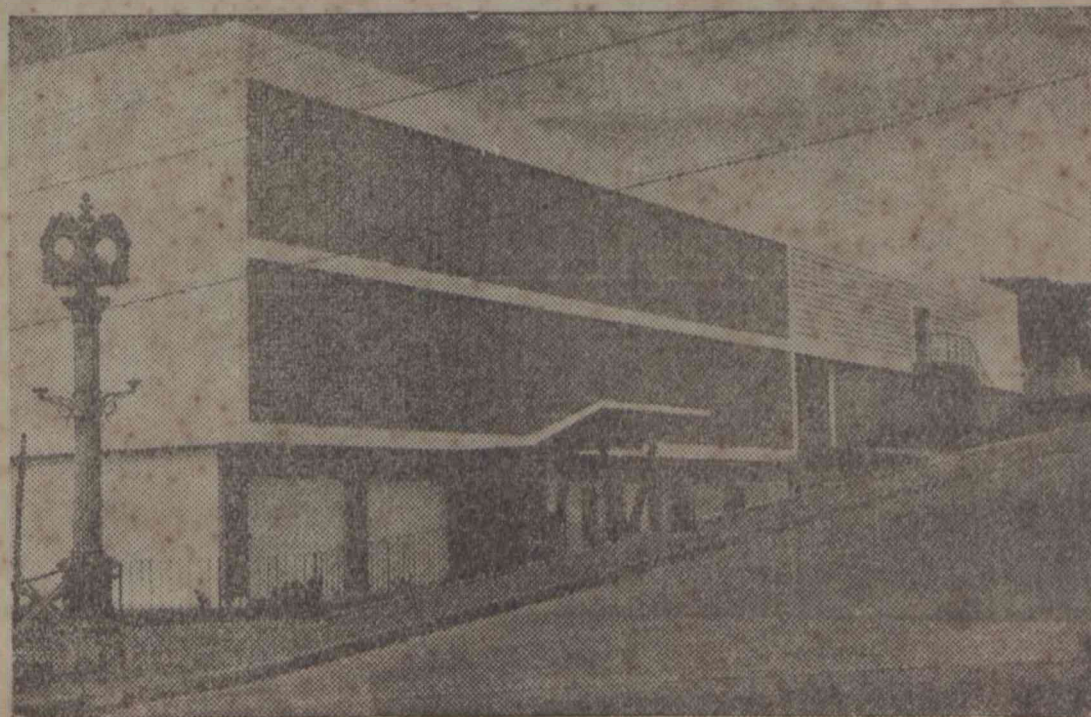
recursos ali empregados foram obtidos graças a persistência e o trabalho incansável do Dr. Jessé Freire, e Luiz de Barros, este Presidente da Federação do Comércio do Rio Grande do Norte, que tudo fizeram afim de proporcionar à classe comerciária, todos os meios modernos de conforto e de Assistência Social.

Apesar de suas altas finalidades e a perfeição do sistema administrativo, o Centro vinha funcionando em instalações inadequadas, num velho casarão na Praça André de Albuquerque, sem espaço para qualquer prática de atividades. Entretanto, em meio das dificuldades na sua instalação, vinha o Cen-

tro proporcionando aos seus associados, de modo satisfatório, e dentro de suas possibilidades, a assistência social. Agora, com inauguração de suas novas e maravilhosas instalações, poderá, — e este é plano dos seus dirigentes, — a sua obra assistencial com a fundação de cursos, ampliação da Biblioteca, setor recreativo etc.

O edifício é constituído de três grandes pavimentos, com amplos salões onde de agora por diante funcionarão todos os serviços da Federação do Comércio, dos Departamentos Regionais do SESC e do SENAC, além dos Sindicatos patronais do Comércio Atacadista, do Comércio Varejista e dos Re-

Continua a pag. 35



Edifício do SESC-SENAC

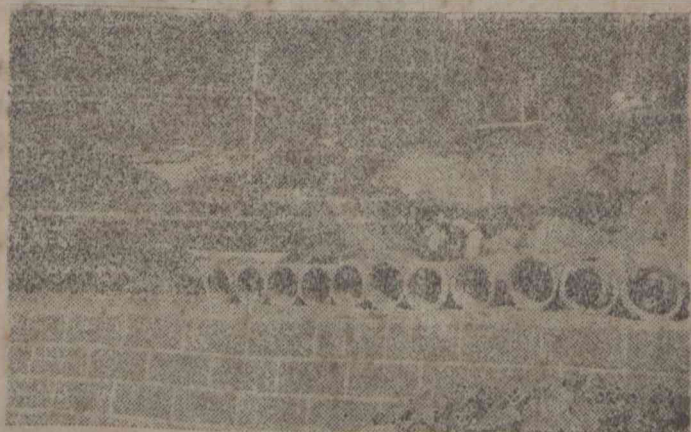
# O poema

# das praias

# de Natal...

## Praia do Meio

A PRAIA POPULAR, FREQUENTADÍSSI-  
MA APESAR DE SER A ETERNA  
ASSASSINA ...



## Praia de Pirangi

UM OASIS DE SONHO... DE ILUZÃO... DE AMOR...



Praia de Ponta Negra - A suavidade de um ninho de ilusões.

---



# PRAIA DE MURIU

A SEDUÇÃO DA NATU-  
REZA NO MISTERIO DO  
MAR...

# Abastecimento, a grande batalha da COAP potiguar

PREOCUPAÇÃO MAIOR DO PRESIDENTE JOSÉ DE CARVALHO E SILVA: ALCANÇAR O MÁXIMO DAS FINALIDADES DO ORGÃO QUE DIRIGE — PÓSTOS EM FUNCIONAMENTO E ALGUNS EM INSTALAÇÃO

Sofrendo as mais grosseiras campanhas de um sem número de interessados no seu fechamento, a COFAP e suas auxiliares — as COAPS — se vêm, impondo, efetivamente, como “um mal necessário”, de acôrdo com expressão que já caiu no conhecimento público.

Entretanto, a pouco e pouco, êsse conjunto de órgãos controladores e abastecedores, se vai firmando no concêito do consumidor, porque, como presenciávamos no momento, na COAP norte-riograndense, a grande preocupação é alcançar o máximo dentro de suas finalidades.

Observadores do trabalho intenso e corajoso que vem sendo empreendido pelo presidente do órgão potiguar, sr. José de Carvalho e Silva, procurámos conversar um pouco com s. s., na tentativa de alcançar os planos que estão sendo pôstos em prática. E foi sem ardoes que o sr. José de Carvalho e Silva frizou:

“Minha grande preocupação no presente consiste em desenvolver por todos os meios possíveis, a campanha do abastecimento direto ao consumidor natalense. Mesmo porque, isso é uma necessidade imperiosa dentro do ciclo que atravessamos onde somente se sente o clamôr do pôvo contra a elevação do custo de vida.

Assumindo os destinos da COAP no Estado, desde os primeiros instantes, voltei-me para essa campanha, com o intuito decidido de colocar em funcionamento os dois pôstos de venda existentes nas Rocas e no Alecrim. E, entendo já compensado em parte por vê-los funcionando e servindo à população de dois grandes bairros onde, em sua maioria, vive o pôvo menos favorecido da cidade.

Entretanto, isso ainda não é o bastante. Temos que fazer instalar outros pôstos e todos os entendimentos nesse sentido estão sendo encaminhados. Assim, dentro de breves dias faremos funcionar o Pôsto Central, na Av. Rio Branco, imediações da Escola Industrial. E” possível, entretanto, que antes, já possamos entregar ao público consumidor, um pôsto de venda no Carrasco, nas proximidades da Escola do Rotary. Por outro lado, já entendi-me com o sr. Prefeito Djalma Maranhão, solicitando sua colaboração no sentido de restaurar uma barraca da COAP, instalando-a na Av. 15, no Tirol, a-fim-de que ali façamos viver mais um de nossos pôstos. Completando, ainda, essa rêde imediata de fontes de abastecimento direta ao consumidor, dirijo entendimentos no sentido de instalar mais um pôsto no cruzamento das ruas Presidente Veloso e dos Paianazes com a Avenida 5.

Se tudo isso conseguir realizar, entendo haver dado à COAP norte-riograndense, a vitalidade de que estava carecendo para merecer o bom crédito do pôvo desta terra. Há em tudo isso muito de esforço, muito de audácia até, porque não são pequenos os imprevistos. Entretanto, entreguei-me a essa campanha e



**JOSÉ CARVALHO E SILVA**  
Presidente da COAP.

“ela não me afastarei em nenhum instante, convencido que estou de que, vender diretamente ao consumidor por um preço mais baixo, deve ser a finalidade específica do órgão que dirijo, no combate à exploração, à extorsão”.

Aí está a palavra de um homem que recebeu a Presidência da nossa COAP, assumindo consigo mesmo o compromisso de realizar alguma coisa em benefício do pôvo desta terra, sobretudo da população que conta o salário e atemoriza-se diante do alto nível do custo de vida.

Demonstrações cabais desse esforço, já estão sendo dadas. A venda do bacalháu durante a Semana Santa, o aumento sempre notório das vendas nos pôstos atualmente em funcionamento, revelam que o sr. José de Carvalho e Silva está caminhando certo na direção de um órgão tão difícil de ser dirigido, merecendo por isso mesmo, o bom crédito dos norte-riograndenses, e um reconhecimento muito sincero de todos nós.

J. MIROMA

Marina é pobre. Em compensação é bonita, muito bonita mesmo. Tem uns olhos...

Mas, para que descrever os olhos de Marina? Todas as mulheres têm os mesmos olhos, ou azuis, ou negros ou castanhos, mas sempre uns olhos de mulher.

Os olhos apenas diferem na maneira de olhar. Olhos que fitam com rancôr ou com indiferença, ou olhos que fitam com amor, com interesse, com desejo...

E os olhos de Marina fitam-me sempre com desejo e amor...

E quando, longe dela, penso nela, fico contente porque ela é pobre.

Si Marina fosse rica, certo estaria estampando capas de revistas, com o seu retrato escultural; dando motivos a crônicas sociais, ou sendo rainha de alguma sociedade dançante. Si Marina fosse rica, todos os automóveis, guiados pelos caçadores de fortunas, parariam, ao encontrá-la a pé, no caminho do cabelereiro ou da manicure. E si Marina fosse rica, não moraria naquela casa simples, de bairro pobre e divertido, casa pequena e poética, simples, tendo uma mesa por penitadeira e, por chuveiro, cujas dagua de jarra de barro. Si Marina fosse rica, sim, se fosse rica, quem sabe? Talvez nem olhasse para mim.

Sim, mas a riqueza de Marina é outra. Não é de ouro e prata, não. De ouro e prata ela é bem pobre. A sua riqueza são seus olhos. É a sua boca perfumada e linda. É o seu corpo escultural e belo. Suas mãos, seus cabelos, sua graça, seu encanto, sua simplicidade e o seu amor. E além disto, a sua inteligência e a nobreza dos seus pensamentos.

E é mais por isso ainda que gosto de Marina. Amo-a mesmo. E quero-a para mim.

Marina vive nos meus olhos, enfeitando minhas noites felizes e enchendo de esperanças as madrugadas risonhas de minhas ilusões. E há tanta doçura nos meus sonhos. A doçura dos lábios de Marina, a doçura amorosa e bemfazeja do seu olhar e a sublime doçura de sua voz, quando ela fala de amor.

Marina é nobre. Anda a pé. É simples e boa. É bonita e feliz. Gosto de vê-la, vestida simplesmente, sem joias, sem exibição. De joias, usa apenas um anel que lhe dei. Uma safira. E mais as joias dos seus olhos bonitos e o ouro dos seus pensamentos bons e a riqueza do seu amor e da bondade do seu coração.

Sim, o seu coração é de ouro, também.

Si Marina fosse rica... quem sabe? Talvez não fosse eu o herói de sua vida.

## Cadillac e opinião pública

O Brasil é o país dos extremos. Não haverá nunca novidade nesta afirmativa. A nossa educação social e patriótica define-se pela nossa tendência política, que, por sua vez, baseia-se na nossa afinidade esportiva, do futebol.

Um exemplo: jogam dois clubes. Há nas arquibancadas os entusiastas e fervorosos torcedores de cada bando. Depois, vêm os torcedores moderados e, enfim, a massa que não sabe ainda por quem vai torcer. Pois, bem, essa massa é que vai compor a grande torcida. E a sua tendência é para o clube que vencer. Aqui mesmo em Natal temos a prova disto. A força da torcida, ao fim de um campeonato está com o campeão. E assim estará sempre, todos os anos, quer o campeão deste ano tenha a camisa preta e branca, ou vista camisa encarnada.

Daí porque, às vésperas das eleições, quase sempre, as oposições lançam as suas campanhas totais, orientadas pela violência, pelo insulto e, mais das vezes, pela calúnia.

E o jogo do vale tudo. Difamam-se então os homens mais puros e mais justos e degnificam-se as maiores vestais. O insulto e a mentira saem com facilidade das penas adesistas e penetram, por milagre, na consciência do povo.

E o que se vê então?

Vê-se um jogo de futebol político, onde a única coisa necessária é se fazer o gol da vitória, de qualquer forma, quer seja à força, quer seja ilícito quer seja roubado ou não, conquanto que se conte com a conivência do juiz, para marcá-lo.

Assim, o nosso destino político nunca divergiu do nosso futebolístico.

Agora mesmo, houve um grande jogo, com data previamente marcada. Nos jornais, os cronistas desportivos como sempre, estampavam fatos sensacionais, procurando influir na opinião pública e atrair torcedores, para este ou aquele lado, conforme a côr defendida pelo dono do jornal, ou de acordo com o interesse individual de cada jornalista.

No cabeçalho dos jornais, em grandes manchetes, lia-se: — "O sensacional jogo de amanhã. Cadillac versus Opinião Pública.

A grande torcida estava ao lado do "Opinião Pública". O time dos "Cadillac" tinha a seu favor os "Representantes do Povo". O "Opinião Pública" contava com o juiz. O "Cadillac", para não escandalizar, chegou ao campo, a pé, mas o zum-zum afirmava que só sairia de automóvel, vitorioso. Realizado o jogo, o "Cadillac" meteu um gol em visível ofício. O juiz anulou mas os Cadilacks reunidos, anularam a anulação e o gol ficou valendo.

Nesta altura, a "Opinião Pública" fraquejou, por imposição da torcida, que já estava toda ao lado do "Cadillac". E o juiz para não ficar sozinho, remarcou o gol ilegal.

E não se venha dizer que não é o futebol que alegra o Brasil. O Brasil, país de futuro, onde não se pode importar o que se precisa, mas onde cada Deputado ou Senador da República pode todos os dias, se quizer, importar um automóvel, pelo preço de custo e vendê-lo, na mesma ocasião, por bom preço e importar novamente outro e assim... e assim...

O povo que morra de fome, que morrer de fome não custa dinheiro e nem paga imposto.

E isto é bom que é denado.

---

Eu e Marina vivemos quasi sempre juntos. Nunca dissemos um ao outro que nos amamos. Nunca falamos no nosso amor...

Para que? Isto seria sermos egoistas. E não somos.

O que eu e Marina somos é, apenas, felizes, muito felizes, imensamente felizes.

# Elas... e as Praias

LULU' BURUCUTU'

Aos domingos é o mar...  
— O mar aviva os desejos...  
E elas todas vão banhar  
Os lábios... rubros de beijos.  
E o ar da praia incentiva  
A esperança e os fulgores.  
Dá mais desejo... e reaviva.  
A alma cansada de amores...

Aquela ali, é a Alicinha...  
A outra, ao lado, é a Dolores...  
A outra ainda, é a Lourdinha...  
A trinca é bem danadinha...  
São três joias, três amores...



Há outras mais, neste ról,  
Aumentando a insolação...  
— Ali está Conceição,  
Levando um banho de Sol.

E a Margarida? Não veio?  
Será que o sol a encandeia?  
Ah! não. Toda encanto e toda enleio,  
Lá está, nas ondas... da areia.

E a Marli, toda gaiata,  
Aguenta o sol que retine...  
E' que, sovina e sensata,  
Não quer molhar o biquine...

E toda a praia é um primor  
De silhuetas mimosas,  
Como um jardim, onde as rosas  
Tivessem vida e fulgor.

Lá está a Leonor  
Contando um grande segredo  
A' Marluce e a Terezinha.  
Parece ruim tal segredo,  
Parece cousa daninha...

A história é de uma festa  
Cheia de tristeza tanta,  
Que a Marluce franze a testa  
E a Terezinha se espanta...



E o sol, queimando desejos,  
Ainda mais quente reluz...  
Mas, os seus raios são beijos,  
Ardentes beijos de luz,  
Alimentando os desejos  
Desses diabinhos... tão nús...

# Onde está a inflação ?

OSORIO DANTAS

O cumprimento de uma obrigação comercial levou-me até o "guichet" de um certo Banco, onde aguardava o momento para pagamento de uma duplicata. Casualmente encontrei ali um velho amigo sertanejo, com quem entretinha animada palestra, enquanto não eramos chamados pelo Caixa. Relembrava aspectos de sua Fazenda quando diversas vezes lá estive a serviço do Banco do Brasil, fazendo avaliações de sua lavoura para efeito de levantamento de empréstimos agrícolas. Nunca me esqueci daquele sertanejo forte e teimoso, pois sempre o encontrei lutando de sol a sol, querendo crescer, e teimando em aumentar a produção da sua fazenda. O seu esforço só se rendia às inclemências da natureza. Indagava de sua família, e de tudo que nunca mais me saiu da recordação. Na simplicidade daquele casarão de taipa, havia a alma de um nobre na expressão mais pura desse termo. Por três vezes lá estive, sendo que da última pernoitei na sua Fazenda. Pude observar aquele trabalhador anônimo por diversos ângulos. O respeito e a autoridade que mantinha como chefe de numerosa família, a maneira simples porém fidalga como recebia qualquer pessoa em sua casa. O seu amor imenso à terra e ao trabalho. Homem de instrução muito primária, mesmo assim deixava transparecer uma inteligência nata. Como todo sertanejo, era um devoto respeitador de todas as autoridades constituídas. Dificilmente se ouvia dos seus lábios qualquer censura aos homens do poder. Esse era o tipo de homem que admirava, que eu não havia esquecido, e que o acaso nos fizera encontrar depois de muitos anos no "guichet" de um Banco. Vestia calças de mescla, paletó e camisa sem gravata, calçava riúnas e suas mãos me pareciam ainda mais calejadas. Fronte enrugada e queimada pelo sol. Mastigava um palito e os seus olhos eram vivos e penetrantes. Eu estava satisfeito de tê-lo encontrado bem disposto como o deixei a última vez que estive em sua fazenda. Logo compreendi que não havia mudado o seu sistema de vida, e, se ali estava, certamente era para receber o financiamento sempre reduzido para sua entre safra. Depois de uma chuva de perguntas sobre assuntos da sua região, indaguei se teve bons resultados nesses últimos anos e se tinha aumentado a produção de sua Fazenda. O velho sertanejo me respondeu com poucas palavras que eu conhecia muito bem a região e sabia que os anos bons eram poucos, que quando esses chegavam não podia melhorar as safras porque não obtinha o financiamento necessário para aumentar a produção e contrabalançar os anos ruins. Tudo aquilo era profundamente verdadeiro, eu bem sabia, desde os tempos em que percorria fazendas e fazendas ouvindo e sentindo a opinião dos homens que realmente produzem, que a política de financiamentos, a lavoura no nordeste tem que ser peculiar ao nosso meio. Compreendia naquelas palavras simples do meu amigo sertanejo uma censura honesta ao governo que não ajuda quem quer produzir. "O senhor não está vendo como a cidade está grande e bonita? Até parece que todo mundo aqui é rico! E nós do sertão"... quando o meu amigo se animava para externar talvez uma grande mágoa o Caixa lhe chama. Não me esqueci de sua última frase, "E nós do sertão"... fiquei contemplando-o, vendo-o receber aquele pacote de dinheiro, talvez uns cincoenta mil cruzeiros, que ele contava meticulosamente, passando de quando em vez o dedo na língua. Depois apertou o dinheiro na mão, meteu-o no bolso, cumprimentou o Caixa e passou por mim apressado, dando-me somente um até logo.

Depois fiquei abstraído, pensando em dezenas ou centenas de sertanejos que conheci daquele mesmo padrão. Homens que são a nossa maior reserva moral e de trabalho, para quem a Nação pouco tem olhado. Divagava filosoficamente meu pensamento em torno desse problema, indagando se eles eram ou não felizes, se compreendiam ou não a responsabilidade de seu trabalho em face do equilíbrio econômico e financeiro da Nação. Com os olhos semi-cerrados e absorvido pelo problema, todo o meu raciocínio se transformava em protesto pelo descaído como até hoje têm sido olhado o homem do campo, que gera a riqueza e onde, no meu modo simples de ver e entender as coisas, reside a solução para o combate a todos os males da inflação e aos problemas sociais correlatos. O mal é que o homem não vive mais feliz no campo, e vem para as cidades à procura dessa felicidade que também aqui não existe, contribuindo, assim, para criar focos de desajustamento de ordem social e econômica. Se o homem fosse assistido no campo, não viria para a cidade, criando uma visão falsa para os que ficam. Relembro a frase de censura velada do meu velho amigo sertanejo "O senhor não está vendo como a cidade é grande e bonita? Até parece que todo mundo é rico?". Quando estou embriagado nesses problemas, alguém me bate às costas. É um velho amigo, J. C., funcionário público federal. "O que faz aqui?" pergunta. Respondo que venho pagar uma duplicata da minha firma e estou aguardando a chamada do Caixa. "E você J. C.?" "Venho pagar uma prestação da nova eletrola que comprei; você ainda não conhece?" Respondo que não. "É uma Alta Fidelidade, e custou-me Cr\$ 95.000,00". "Mas tudo isto", respondi, quasi sem acreditar, pois ainda possuo um radio Philips modelo 1935 que me custou um pouco mais de mil cruzeiros. "Ora essa, e ainda foi barato, porque hoje já estão pedindo mais de CEM MIL por uma igual à minha!" Revoltei-me quanto ao custo de certas inutilidades e o desaforo de quem as compra.

O meu nababo amigo funcionário federal era de opinião contrária; apesar de fazer parte da máquina federal responsável pela inflação, não tinha desse problema a menor idéia. Só concordava comigo era quanto ao custo de vida que estava tremendamente caro. o porque não interessava. Afirmava que o Governo lhe pagava ... Cr\$ 35.000,00 mensais e não lhe sobrava nada. Falava também que em breve iria se aposentar com Cr\$ 45.000,00. Tornei a ficar mais estupefacto e perguntei a razão de tantas regalias. Falou que há muitos anos passou exerceu a Chefia de uma repartição e que existia uma Lei que dava direito ao funcionário se aposentar com as vantagens do cargo mais alto que já exerceu na função pública e mais uma porção de tabelas que existiam que para mim pareciam muito mais complicadas do que a inflação. No instante em que o meu amigo J. C. mergulhava na orgia dos salários e ainda se lamentava porque, dizia ele, pelo novo Código de vantagens dos militares, eles irão ganhar muito mais do que nós, eis que o Caixa do Banco me chama. Pago o meu compromisso e despeço-me sem saudades do meu velho amigo J. C.. No percurso entre o Banco e o meu escritório vou lembrando o diálogo com os dois amigos. Um que produz, o agricultor, recebendo um financiamento quase igual ao salário mensal do que nada produz. Os vencimentos dos funcionários são pagos dos impostos arrecadados pelo governo de quem produz. Então eu concluí; mas será que tantos financistas de valor não entendem que, aumentando vencimentos de funcioná-

(Cont. na pag. 16)

# A NOITE

NEWTON NAVARRO

Quando tudo serena e por detrás dos mangues se apaga o crepúsculo, surgem os pequenos pontos de luz dos faróis, na quilha dos barcos. A maré vazante oscila o dorso, suavemente, e as luzes balançam, dentro da noite, como pequenas estrelas que tentassem uma maior aproximação com o rio. No denso noturno os mastros mais afoitos desaparecem: resta uma solidão que mais se arasta e vai impregnando tudo.

E' assim, todas as tardes, no velho Cais da Tavares de Lyra. Quando muito, um barcaceiro canta. Uma mulher vem fartar mais a sua tristeza nas amuradas, onde um ou outro bêbado descança, no sono inquieto. Um gato passa de leve, feito de noite e medo, e logo desaparece. E há um cheiro de peixe frito e cachaça, vindo não se sabe de onde...

Dizem que há fantasmas. Jamais os ví. São apenas possíveis de ser sentidos. Vêm no vento que sopra do cimo dos altos edi-

fícios. Fantasmas atravidos de marinheiros. Fastasmas de mulheres. Gatos, peixes, barcos, todos já há muito mergulhados na morte. Mas, somente sentidos. Feito escuro e treva e silêncio... Só isso.

No Refoles, um trem adverte o vigia da sua chegada e apita. Uma luz vermelha pisca, muito sonolenta. Uma luz proletária que não cumpre bem o seu serviço... Dizem que um bote vai passando, mais para a outra margem. Se atentarmos melhor, vislumbraremos uma mancha branca que caminha, longe... Por isso falam em assombrações...

E' assim a paisagem do velho Cais, depois que as vozes da rua se calam todas. Depois que o humano cessa um pouco para que o mais infisito e mais misterioso faça da noite a sua grande estação de medos e desesperos. Também, a sua estação de calma muitas vezes...

---

rios e militares sem a devida correspondência de auxílio às verdadeiras fontes de produção, não estarão cometendo um erro primário de economia? Dirão os dependentes do Tesouro Nacional que não suportarão a vida cara que há por toda a parte. E nós outros, o que diremos? Funcionários Municipais, estaduais comerciais, operários e todo mundo que não é federal, não têm estomago? Não têm necessidades. Não têm famílias e não precisam educar seus filhos? Tôda essa gente não é uma grande maioria e heróicamente não tem suportado essa onda imensa de inflação que se avoluma cada vez mais porque hoje partem do próprio governo as providências mais primárias de inflação, aumentando impostos, taxas de todos os serviços de utilidade pública, vencimentos e vantagens de funcionários e militares, dando uma demonstração clara de incompetência para resistir a uma política de "cinturão apertado", como fizeram ingleses, franceses, alemães, italianos, japoneses e tôdas as nações evoluídas que tiveram suas forças econômicas destruídas pela guerra, mas, com uma política de absoluto contróle de todas as necessidades, souberam em pouco tempo levantar novamente as suas estruturas econômicas? Observamos que naqueles países que fizeram e sentiram os efeitos da guerra, só não houve restrição de crédito para a produção. Nós aqui, evidentemente, caminhamos ao contrário. Tudo parece tão simples de colocar nos eixos. Não sei bem quanto o Governo Federal despendeu e vai ainda despende com novas tabelas de aumento e vantagens de funcionários e militares, em todo caso tenho quase a certeza de que a onda de dinheiro vai em torno de bilhões de cruzeiros. Não seria uma providência mais salutar de combate à inflação, se esses bilhões se transformassem em crédito rotativo destinado às forças de produção, e nossos irmãos funcionários federais e militares viessem fazer parte da nossa fila, na certeza de que os sertanejos como aquele meu amigo que encontrei no Banco pagariam com juros

o crédito que o Governo lhes desse? Evidentemente estamos caminhando errados. Não posso entender que se combata a inflação aumentando vencimentos de servidores do Estado e despresando as forças vivas da produção. Não foi tentado nada nesse sentido. Não sei se foi pelo medo de expor a verdade ou pela falta de patriotismo, que o nosso Governo e o Congresso Nacional acharam mais acertado atender às classes do asfalto. Os outros, a grande maioria de que já falei, não puderam seguir esse exemplo, mesmo porque, os estados não dispõem de máquinas de fabricar dinheiro, e muito menos as classes produtoras. Dessa forma, além de entender que a cominho seguido agravou a inflação, também penso que o Governo criou outro mal, que foi o estabelecimento de castas de funcionários federais e de militares. Sempre conheci funcionários públicos federais e estaduais com vencimentos mais ou menos equiparados, é verdade que os primeiros sempre tiveram melhor remuneração.

Hoje, porém, as coisas se desajustaram de tal forma que, o ordenado inicial do menor cargo federal, digamos de um servente, é superior ao mais alto cargo de carreira estadual. Um terceiro sargento especialista do Exército ou Aeronáutica irá ganhar muito mais que um desembargador potiguar. São essas orgias, às crises morais, a cegueira dos nossos problemas, o mediatismo, que nos colocam em posição de absoluta incapacidade para reagir aos grandes problemas que sempre existiram e existirão enquanto houver povos e nações, desafiando a capacidade de reação de governantes e governados.

A verdade e a razão das coisas não são tão difíceis de ser equacionadas. Num encontro casual que tive com dois amigos, pude sentir os dois polos da inflação. Onde ele opera negativamente e onde o governo deve agir com toda a força de sua máquina, estimulando por todos os meios as fontes de produção, única força capaz de resistir e vencer a imensa corrente inflacionária que nos afoga.



# O Professor Efimov

Conto de PINTO JUNIOR

Meu amigo Pedro Guzman estava acometido de estranha doença mental, cujos sintomas, além de paradoxais, eram peculiares às mais singulares entidades mórbidas. Exgotados todos os recursos médicos e ainda sem diagnóstico firmado, resolvi mandá-lo ao colega Igor Piatokov Efimov, que foi discípulo e amigo pessoal de Freud e de Biculer, tendo estudado psicanálise com Adler em Viena, e cuja autoridade no assunto é indiscutível. As curas e os sistemas terapêuticos do professor Efimov são originais, merecendo acatamento e fé, tal o número de doentes tratados por ele com enorme êxito.

Homem simpático, bondoso recebeu o meu recomendando com a maior consideração e paciência. Convidou-o a sentar-se numa poltrona de couro, pediu-lhe que contasse sua doença. Durante mais de duas horas, Pedro Guzman contou sua vida e descreveu os sintomas da doença. Sempre curioso, o médico não perdia palavras, perguntando-lhe coisas que julgava esquecidas. Por fim, disse-lhe que atribuía a causa da doença ao fato de ser Guzman indivíduo de bons sentimentos, confiante sempre em tudo e em todos, acreditando sem restrições no que ouvia dos amigos e parentes. Adiantou mais que Pedro Guzman tinha a verdade em alta conta, por hábito, religião e princípio. Em seguida, Efimov levantou-se, alisando a barba negra. Acercou-se do cliente e falou a meia voz:

— Contam que São Tomás, quando frade, correu pressuroso ao pátio do convento para vêr um boi voar. Era pilheria dos outros frades, que lhe sabiam da ingenuidade, e assim foi recebido com risos. O santo homem respondeu que preferia antes acreditar no absurdo de um boi voando do que na possibilidade de um padre mentindo. Já com São Tomé se dava o contrário, pois nem vendo acreditava. Os extremos se tocam e ambos demonstraram uma filosofia irônica, sabiamente atirada contra a maldade dos homens.

Andando de um lado para o outro, depois de acender um cigarro, o professor Igor Piatokov Efimov recomendou:

— Eu também, sem querer ser frade nem santo, tenho por norma acreditar em tudo o que dizem ou o que não dizem os meus clientes. Como psicanalista, creio mais naquilo que não dizem, isto é, no que procuram ocultar, nos recalques, nas coisas que guardam tenazmente no subconsciente, na alma, e sabia, antes de mais nada, que somos joguetes do nosso inconsciente. Meu conceito sobre a verdade é o mesmo do Mestre Freud. "Não há álcool absoluto, como não há verdade cem por cento".

Pedro Guzman compreendeu que estava diante de grande médico filósofo. Sincero e bondoso como os grandes clínicos, simples como os verdadeiros cientistas. Não procurou interrompê-lo com perguntas, mas, respondendo às que lhe fazia Efimov, se foi libertando da tremenda angústia. Depois ficou ouvindo encantado a dissertação do professor, que lhe tocava a alma.

— A sinceridade é virtude e defeito, pois sempre vem acompanhada de sérios dissabores. O homem, antes de tudo, é produto da educação doméstica na infância, para ser depois, conforme o meio social em que viver, um burguês pacato ou um assassino. Certos americanos afirmam, nesse ponto, que a hereditariedade não vale nada. A personalidade de um homem é a soma do meio familiar e do ambiente social. As sociedades — disse um jurista famoso — têm os criminosos que merecem, com o que estou de pleno acôrdo.

O professor animou-se e, depois de jogar fóra a ponta do cigarro, bebeu um copo d'água para refrescar a garganta e continuou:

— A memória é a faculdade pela qual a inteligência reproduz, na ausência do objeto, um conhecimento que ela não pode produzir primitivamente senão em sua presença. A memória, pois, não faz mais do que repetir aquilo que a percepção nos havia dito. Na tenra idade, a percepção é quasi inconsciente, mas sabe amoldar fatos como a cêra. Pelo método dedutivo, pode o meu amigo compreender que a influência do meio social vem completar o trabalho iniciado pelos pais no bérço do filho. Eles e o ambiente doméstico, com os seus episódios, são o molde em que a cêra se solidificou. Freud, descobrindo a alma cientificamente, mostrou a causa da existencia dos desejustados sociais e conjugais, dos falhados, dos histéricos, dos homens sexuais, dos psiconeuróticos, dos criminosos, de um mundo de indivíduos que a sociedade meteu nos hospícios e nas prisões e, embora pareça exagero, não passam de enfermos da alma...

— E acha o doutor que há remédio para todas as doenças da alma?

— Perfeitamente. Para todas existem remédio e cura. O mais difícil é encontrar especialista paciente, para ouvir durante muito tempo as confissões dos enfermos. A psicanálise é ciência nova, está ainda na fase experimental. Para todas existe o seu remédio, mas, quando digo remédio não me refiro absolutamente a essas drogas nocivas, a esses venenos, a essas panacéas...

Conclue na pagina 29

## OTICA BRASIL

ÓTICA ESPECIALIZADA - AVIATO RÁPIDO E CRITERIOSO DE RECEITAS COMPLETAS

SORTIMENTO COMPLETO DE ARMAÇÕES E ÓCULOS EM GERAL

AV. RIO BRANCO, 595 - FONE: 1245

NATAL

RI OGRANDE DO NORTE

# A ROCAS

A Roca do meu tempo era desordeira e brigona. Vivía de farras, de noitadas, de pandegas. Era o bairro divertido, despreocupado, festivo, feliz. Cantava dia e noite. E não gostava de visitas e nem de lei. A lei era o braço e a peixeira. A vida, uma canção. O mundo todo, uma farra. "Haja peixe no mar que a barriga estará sempre cheia e sempre farta". "Haja violão, que a vida será sempre festiva". "Haja, diariamente, uma farra, farta de aguardente e peixe frito, que o mais humilde casebre transformar-se-á, encantadoramente, no mais belo e mais soberbo palácio do mundo". E' que o alcool sempre teve este poder miraculoso de transformação...

Este era o raciocínio do bairro seresteiro. E a Rocas com as suas festas, sua vibração, seu povo alegre e valente, suas mulheres bonitas, era, dentro de Natal, um mundo diferente, onde o resto da cidade não tinha direito de ir, nem de participar de sua vibração.

Como na lenda da cigarra, a Rocas cantava noite e dia, de inverno a verão. Cantava e brigava. Dansava e fazia desordens.

A polícia, quando chamada a intervir, fazia ouvirdo mouco:

— "São eles mesmos se matando. O resultado será sempre: um dezordeiro a menos e um diploma de valentão a mais"...

Mas, havia poesia e encanto na vida agitada do bairro irrequieto. As caladas da noite, quem estivesse mais perto, ouveria as canções dolentes e sentimentais das serenatas intérminas e os acordes chorões dos violões saudosos, acordando amores, acalentando sonhos, revivendo saudades. E o bairro, insone, cantando e vibrando, pegava sempre o sol com a mão, de manhãzinha.

A vida era bôa e bela, devertida e feliz. E a Rocas cantava. A música alimenta. E a alegria também. E os seus moradores repetiam: "cantemos em louvor ao mar, que o mar é dadivoso. Cantemos em louvor à lua cheia, que as nossas noites serão rizonhas como sonhos de amor:

Um dia, porém, os poderes públicos varreram da Rocas os dezordeiros natos. E, socialmente, sanearam o bairro.

Tudo mudou. Mas a Rocas não perdeu a sua feição poética, nem a sua vibração e nem a sua

# A RIQUESA DO SAL

JOÃO POTIGUAR

*Nada é tão triste para os Potiguares do que a história do sal. E tanto assim é que, quando falamos em sal, limitamo-nos à declaração costumeira, de que possuímos o melhor sal do mundo. E até mesmo, de tão bom que ele é, sentimos sempre no paladar, o seu gosto amargo, todas as vezes que temos de nos expressar sobre o assunto.*

*O sal potiguar entra no orçamento da República com um valor deveras apreciável. Nas nossas salinas, o cobrador do Governo, ao receber os impostos, farta-se da renda nababa.*

*Os proprietários das salinas, na sua quasi totalidade, residem no Rio de Janeiro, gosando as delicias do farto produto das salinas rendosas.*

*O trabalhador do sal, embora mais ou menos bem remunerado pelo seu trabalho esfalfante, já sabe o seu destino: ficar cêgo ou quasi cêgo, na velhice, se lá chegar.*

*O Estado, mesmo tendo no sal uma das suas principais fontes de receita, jamais conseguiu, pela dificuldade de sua conferência e pelos atropelos do embarque da mercadoria, firmarse na segurança do seu controle. Não queremos dizer, entretanto, que haja desvio de impostos. Absolutamente, não é este o nosso inuíto. Queremos apenas afirmar que o serviço de fiscalização e de arrecadação do Estado, neste seior, é deficiente. Deficiente, pela sua complexidade e também porque, sendo feito em alto mar, torna-se complexo e difícil. Mas, mesmo assim, pesa, com grande volume, na balança financeira do Estado, a arrecadação do imposto do sal.*

*E, por isto mesmo, é facil calcular a renda assombrosa de uma salina e, conseqüentemente, a riqueza fabulosa dos salineiros, dos felizardos proprietários de salinas. Não importa saber qual deles o principal, qual o mais rico, qual o que ganha maior fortuna, anualmente. Importa, sim, ter-se a certeza de que é do Rio Grande do Norte que lhes vem a dádiva de Deus, a salina rendosa, que os transformou em millionários, de vida rica, rodando, quasi todos, em automoveis de luxo, sobre o asfalto macio das largas avenidas do Rio de Janeiro, sem lembrarem-se da terra pequenina e pobre a quem devem o fausto e a grandeza.*

*E' què, para eles, e somente para eles, o sal é doce. E por isto mesmo se esquecem da terra. Têm, no Rio Grande do Norte, as suas minas de Salomão e não sabem onde fica o Rio Grande do Norte.*

*Por exemplo: qual até hoje o benefício, o serviço, a benemerência, o sinal de vida dado ou prestado ao Rio Grande do Norte, por qualquer um dos nossos salineiros?*

*Fiquemos por aqui, senão ainda mais amargo, ao nosso paladar de paga-gerimum, tornou-se-à o sal do Rio Grande do Norte.*

alegria. A sinuosidade do seu sólo, o encanto natural do seu aspecto, ajudam a sua beleza festiva. E a alma irrequieta do seu povo vive em movimento. E as ROCAS é toda amor. Cantam amores as silhuetas maravilhosas de suas casas pequenas, das suas ruas estreitas, das suas dunas floridas. Cantam amores a vivacidade e a alegria naturais das mulheres roquenhas; cantam saudades os seus velhos e fortes pescadores. Cantam ilusões os felizes seresteiros do bairro popular.

E a Rocas é toda amor...

# Rua Doutor Sebastião Fernandes

Um movimento popular, tendo à frente um forte grupo de intelectuais, reivindica o nome do insigne conterrâneo Dr. Sebastião Fernandes, para a antiga rua São Tomé.

A idéia, por todos os motivos, é digna de efetivação. O Desembargador Sebastião Fernandes de Oliveira, falecido há poucos anos atrás, bem merece todas as homenagens dos seus conterrâneos. Sua vida foi um exemplo de virtudes, de nobreza, de patriotismo, de trabalho e de fé.

Para sermos sinceros, temos de declarar que, por principio, somos contrários a mudanças de nomes de cidades, de praças, de ruas. Pôr vários tempos, sentiamo-nos mal ao termos de chamar a antiga e tradicional Lages, de Itaretama. Não suportavamos a retenção nervosa quando ouvimos chamar as Rocas, de Anquieta. E jamais perdoaremos a quem mudou ou quiz mudar o nome de Carrasco para São Sebastião, batizando-o depois com o nome do grande norte-riograndense Dix-Sept Rosado. Protestamos veementemente quando, por algum tempo, transformaram a Praça Gentil Ferreira em Praça da República.

E, graças a Deus, voltou-nos a alegria costumeira quando vimos tornarem sem efeito quasi todas essas mudanças do nome do batismo popular e tradicional dêses logradouros públicos. De todos eles, ao que sabemos, conservaram apenas o nome de Dix-Sept Rosado, para o Carrasco. Amigo e admirador que fomos do grande conterrâneo sacrificado tragicamente quando, à frente dos nossos destinos, promitia-nos um governo de grandes realizações e de trabalho efetivo e construtor, Dix-Sept, na nossa opinião sincera, merecia ter seu nome designando não só um bairro de Natal, mas a própria cidade inteira. E se fomos e somos contrário à mudança do nome do bairro proletário, é apenas porque defendemos o principio conservador dos nomes populares, das praças, bairros, ruas e localidades.

Mas, a nossa aversão à mudança do nome dos logradouros públicos, tem também o seu limite justo e coerente. Por exemplo: julgamos que os Santos não precisam dessa homenagem. Para nós, os santos já têm o seu nome gravado na nossa fé, no nosso amor, na nossa devoção, na nossa veneração eterna.

Por outro lado, se somos contra a mudança do nome do Carrasco, é porque êsse nome definiu perfeitamente a origem do jovem bairro. Ali, era onde os pobres iam colher carrascos, para o fogo, à falta de lenha. Daí a sua origem popular.

Há casos, porém, em que a medida é necessária e justa. Por exemplo: não trepidariamos em votar no nome de Sinfrônio Barreto, para a rua de Santo Antonio, como, com efuzão e entusias-

mo, batemos palmas à idéia justa e perfeita de se transformar a São Tomé em rua Dr. Sebastião Fernandes. Fomos também dos maiores entusiastas quando assistimos o despregar da placa com o nome do desconhecido Coronel Bonifácio, da antiga rua das Virgens, para apôr aquela que lá está e que tanto representa para nós: "Rua Câmara Cascudo". Aí, a diferença foi ilimitada. Quem foi o Coronel Bonifácio? Macacos nos mordam se soubermos responder. Perguntem-nos porém, quem é Luis da Câmara Cascudo, que responderemos imediatamente. E embora a nossa resposta não cotenha a ilustração merecida, pelo menos conterá a nobreza do nosso patriotismo, quando dissermos: Luis da Câmara Cascudo é um dos riograndenses do norte que projetaram o poder da nossa intelligencia e da nossa cultura pelo mundo afóra.

E com êsse mesmo vigor e com êsse mesmo entusiasmo vimos agora formar ao lado dos que pretendem mudar o nome da rua São Tomé para rua Dr. Sebastião Fernandes.

E por que? Porque ninguém mais do que o Dr. Sebastião Fernandes merece essa homenagem postuma, que os potiguares, num gesto de reconhecimento, embora já tarde, querem prestar agora a quem com tanta dignidade, com tanto patriotismo e com tanta intelligência, tanto fêz pelo progresso intelectual da nossa terra.

E Sebastião Fernandes, como homem público, como magistrado, ou como intelectual, foi, inegavelmente, um desses homens raros, que nenhum momento, por motivo algum, se afastam da linha de conduta exemplar que seguem, irmanados ao direito, à justiça e à moral.

Vamos! Apressemos a concretização dessa idéia grande e justa, que merecerá os aplausos gerais dos natalenses, que jamais souberam olvidar o valor dos grandes patriotas.

---

## POTIGUAR DE INVESTIMENTOS S. A.

(POTISA)

Vendas de terras e terrenos — Compre  
o terreno para construção de sua  
casa propria

Av. Tavares de Lira, 96 — 1.º andar

Natal — Rio Grande do Norte

# A "Missa das Nove"

# Confissão

ELLYSSOSIO GUIMARÃES

JOAO POTIGUAR

Fazia muito tempo não assistia eu a Missa das 9, ou conventual da nossa antiga Igreja da Apresentação, hoje Catedral de Natal.

Certo domingo destes, porém, tendo perdido a minha predileta missa do "Salesiano", lá me fui rumo ao velho templo da André de Albuquerque, na certeza de que, naquelas horas, a centenária "Casa de Deus" já estaria repleta, "durinha" mesmo, não "de gente", porém da "elite", do elemento católico que constitui a "nata" social natalense.

Pelas arcadas, naquele momento, deveria estar, pensava eu, se movimentando grande onda de rapazinhos, mesmo metidos nos seus "silacks"... (seriam rapazes?). Não menor devia também ser qualidade de homens que, envergando os seus melhores ternos de linho branco, ou casemira escura, estaria lotando as proximidades do "altar-mór". E, então, lá por todo corpo do Velho Tempo, qual não seria o deslustramento espetacular: Ali encontrar-se-ia, na certa, lotando bancos e tribunas, a maioria da fina-flôr da sociedade feminina natalense, ostentando, como que numa exaltação ao Divino Sacrifício, as suas mais ricas, belas e compatíveis "toilettes".

Eram essas as idéias que eu levava em mente, ao caminhar para o histórico Templo, que assim conheci.

E, dentro dessa convicção, examinava, vez em quando, a minha roupa branca, modesta e "já vestida", a gravata, os sapatos surrados, como quem duvidava que estivesse à altura do ambiente.

E foi com essa impressão cabulosa, arrependido de não ter trocado de roupa, que penetrei naquela secular e tradicional "Igreja Matriz", de sagradas recordações.

A minha decepção foi total. Igreja, nem sequer meia. Duas ou três senhoras da melhor sociedade, com modestos vestidos. Pelas tribunas e arcadas ninguém. Nas proximidades do Altar-Mór, alguns homens, funcionarios, operários, gente modesta, enfim

Só um rico havia ali — antigo comerciante, fazendeiro — porém em "mangas-de-camiza", de alpercatas, como quem tivesse acabado de ordenhar as vacas do seu curral...

Será, senhores, que tenha desaparecido o espírito religioso da nossa gente "chic"? Enquanto nos centros mais elevados, quanto mais rico mais tarde e mais bem vestido se vai à missa do domingo, em Natal, na derradeira missa nesse dia, só se encontra gente de "missa-dascinco". E algum rico que ali vai, velho mesmo, (com honrosas exceções), parece que perdeu a cerimônia, o equilíbrio mente e errou o caminho da praia ou da "boite".

Não, senhores, o espírito religioso aí está intacto em todas as nossas camadas sociais. Nós somos religiosos e, na maioria, católicos por natureza.

Sucedo, porém, — diga-se de verdade — que os vestidos melhores, os mais caros, têm os seus decotes, suas mangas curtas e são feitos, especialmente, uns para os teatros, outros, para as "boites" e para os bailes. Nove horas é, geralmente, o início dos "pif-pafs", dos "buracos", a hora das praias; e madame, religiosa como é, trocou a "missa conventual" pela modesta missa das seis. O marido que a acompanhava, habituado já ao "silack", guardando o "terno grave" para as recepções políticas, seguiu-a também na troca, comodamente, com filhos e tudo.

Não desapareceu, em absoluto, o nosso espírito reli-

Eu, pecador...

Meu Deus, será pecado amar?

Falam em amores ilícitos, em amores proibidos, em amores ilegais. E no meu cérebro, no meu pensamento, no meu modo de julgar e de entender eu só conheço um amor, que é o próprio amor, o amor veneração, amor desejo, absoluto, único, legal, perfeito, puro.

— Meu Deus! eu amo...

Apenas, aquela que me projetou esse desespero suave, esse sofrimento magnifico, essa ânsia agradável e esse eterno pesadelo de ser feliz, sofrendo, já está presa a um compromisso, desde quando, um dia, jurou — enganada talvez — aos pés de um padre, amar por toda vida aquele a quem, naquele momento infeliz, recebia como esposo.

E depois? O que se passou no íntimo daquela creaturinha mimosa, encantadora e suave?

A vida lhe mentira. Mentira aquele que lhe jurara amor. Mentira-lhe o destino e a sorte. E hoje, o lar com que sonhara — um paraíso de amor e de alegria — era-lhe um suplício, uma prisão, um castigo.

E, naqueles olhos tão ternos, tão mimosos, agora o desespero fazia pouco e a tristeza, deixando embora uns traços de revolta, puzera ali uns retóques sublimes de desejo, de sensação, de esperança e de amor.

— Meu Deus, eu amo...

Vi a tristeza nos seus olhos e a esperança também. E esperança é amor, pois que é ainda um atestado de fé

Vi a tristeza nos seus olhos, e a ânsia de amor que vinha da sua alma e que procurava sair pela retina dos seus olhos tristes, em busca da felicidade, em busca dos encantos da vida, em busca da ilusão.

E os nossos olhos se cruzaram... e os nossos lábios se juntaram na sublime violência acariciadora de um beijo: e os nossos pensamentos se irmanaram na deliciosa e medonha sensação do amor.

— Padre, eu pequei... e já não posso mais livrar-me desse pecado sublime e delicioso. Os seus lábios têm o gosto da vida, o sabor da ilusão e a ilusão do amor. De Deus, eu recebi o poder de desejar e querer — o livre arbítrio — e faculdade de poder seguir fielmente o meu destino. E o meu destino são seus lábios, a deliciosa beleza dos seus olhos e o perfume, sublime de desejo, do seus beijos sublimes e ardentes.

Compre à vista ou pelo Credilar nas  
LOJAS UTILAR

Organização Jessé Freire Comércio S. A.

Av. Rio Branco, 535 — Av. Tavares  
de Lira, 70 e 78

NATAL — RIO GRANDE DO NORTE

gioso em ambos os sexos, em todas as classes. Absolutamente.

O que acabou foi a imponência, o realce, que essa seleta assistência dava, efetivamente, ao solene da missa conventual do nosso principal tempo católico.

Fiquei triste. Vamos voltar, Madame! Tire um pedacinho da fazenda daquele vestido com que você assistiu o "Shou" de Nelson Gonçalves e faça um para ir ver Nossa Senhora, na "Missa das 9".

# CANTORAS, de Rádio



**VALDIRA MEDEIROS -**

A PRINCEZA DO BAIÃO  
— A MAIS POPULAR  
CANTORA POTIGUAR,  
DONA ABSOLUTA DA  
MELHOR VOZ DO NOS-  
SO RADIO.



**GLORINHA OLIVEIRA -**

FIEL INTERPRETE DE  
CANÇÕES SUBLIMES —  
FESTEJADA E APLAU-  
DIDA POR NATAL EM  
PESO.



**LOURDINHA LOPES -**

UMA VOZ SUAVE QUE  
LEMBRA SEREIAS EN-  
CANTADAS.

**VALDA MEDEIROS -** A PATATIVA LOURA,  
CUJA VOZ MAVIOSA ENCANTA E SEDUZ,  
PORQUE É SUAVE COMO GORGEIOS DE FE-  
LICIDADE E AMOR.



# Da Mulher para a Mulher

ZUILA

## MEU CANTINHO PREFERIDO

A cozinha para muitas donas de casa é um verdadeiro tormento, porém com um pouco de tempero e boa vontade podemos passar horas de agradável lazer n'este precioso cantinho de nossa casa. Toda mulher deve saber que para chegar ao coração do homem, deve-se começar pelo estomago, portanto, minhas amigas preparemos bons quitutes para que possamos passar não por boas cozinheiras, e sim, por boas esposas.

Trazemos hoje para vocês duas deliciosas receitas de COCKTAILS tão em voga nos dias de hoje, e que muito ajudarão nossas leitoras nos seus jantares, suas festas e suas reuniões.

A introdução do Cocktail em nossos meios, pelo povo Norte Americano suplantou o nosso tradicional Chá das Cinco, considerado até pouco tempo como a reunião mais elegante da tarde.

São diversas as causas que contribuíram para o completo êxito deste novo uso, entre elas as seguintes: geralmente os Cocktails nunca começam antes das 19 horas, o que permite CONVIDARMOS muita gente ao mesmo tempo; o ambiente alegre e eufórico, pois o cocktail é um grande insensivador de alegria, e por fim a oportunidade que tem as mulheres de exibirem os modelos da moda o que tanto as rejuvenecem...

### COCKTAIL MARTINI DOCE

Coloque no copo da bateria de Cocktails 1/2 parte de Vermute Italiano; 1/2 parte de Gin, 1 pitada de Angostura; gelo picado e 1 cereja.

### COCKTAIL ARGENTINO

Misture no copo da bateria de Cocktails o seguinte: 1/4 de gin; 1/4 de Vermute Sêco; 1/2 copo de suco de Abacaxi; 4 gotas de essência de Groselha. Misture, ponha gelo picado e sirva.

Para acompanhar as receitas acima, eis uma receita de salgadinho.

### SALGADINHO DE CAMARÃO

1 pão de forma; camarões cosidos e temperados; 1 colher de manteiga frêscia.

Corte o pão em rodela pequenas, amasse os camarões com a manteiga fresca e salsa picada bem fininha. Cubra com a massa as rodela de pão, e enfeite cada uma com um camarão inteiro.

### ELEGANCIA E BOM GOSTO

A elegância é o fator primordial, ou mesmo, a arma da mulher de nossos dias. Antes desta geração houve a das nossas vovós que apesar de seus babados, suas rendas, fitas e espartilhos bem apertados, seus drapeados e decotes altos, a elegância já predominava a seu modo e dentro da moda de sua época.

A moda como se diz, vai e volta com suas inovações, e vencem. Vemos hoje a moda de 1957, essa moda tão bonita, tão alegre e jovial, influenciada por Chanel a quem se deve o "flou" dos tecidos leves, como a mousseline, vedete das modas passadas e que hoje nos dá os vestidos esvoaçantes, que são um verdadeiro triunfo do costureiro Dior.

Embora hajam muitos tecidos como o "tweed" a "flanela mescla" e o "jersey liso" considerados técnicos para os vestidos de passeio, as listas o "pois" e mesmo os estampados de algodão nos dá esses vestidinhos leves, simples e elegantes, nos quais nos sentimos tão bem...

## O PENSAMENTO DO MÊS

Para sêr feliz, basta dispôr-se a sê-lo. Com muito, com pouco, com coisa alguma. A felicidade depende de cada um, não do que o rodeia.

## SALÃO DE BELEZA

Toda mulher tem a obrigação de ser bela. Aquelas que são dotadas pela natureza, procuram resaltar sua beleza e conserva-la, e aquelas que a mãe natura, não lhes favoreceu procuram resaltar com os diversos truques o que tem de belo. Sim, porque nenhuma mulher é de todo feia, pois existe sempre algo de belo em toda mulher. O que é preciso é que elas saibam tirar proveito de seus atrativos.

Existem varios truques de maquilagem, de penteados, de vestuários que corrigem certas imperfeições que por acaso tenham. De inicio, apresentaremos o penteado.

Saibam que uma mulher mesmo que não seja bonita se souber arranjar para o seu rosto uma moldura adequada, poderá se tornar diferente e mesmo atraente. Antes de cortar os seus cabelos, analise bem o formato do seu rosto.

Pode-se aconselhar a quem tem o rosto largo e redondo a usar os cabelos soltos, as de rosto comprido evitarem os cabelos caídos nos ombros e as que tem os braços muito fortes e marcados não usarem os cabelos muito curtos.

Observe os rostos das pessoas que tenham traços semelhantes aos seus e procure corrigir as imperfeições do penteado, tirando dessa observação uma base para o que lhe fica bem, nunca deixando a critério de seu cabelereiro o corte de seus cabelos, pois muitas vezes penteados que estão em moda, podem não assentar com os seus traços e o formato de seu rosto.



Reunião social na residencia do sr. Carlos Filgueira, Vice-Consul da Espanha

# A Estudante

JOÃO BEDEL

No vai e vem desta vida,  
De alma contente e florida,  
Numa eterna vibração...  
Lá se vão as estudantes.  
Lindas, simples, ou pedantes,  
Em busca de ilustração...

Pelas praças, pelas ruas  
Passa uma... passam duas...  
Passa um bloco de meninas.  
Tão fagueiras, tão formosas,  
São como — cheirando a rosas  
Lindos cachos de boninas.

E estas flores divinais,  
Que passam, tão joviais,  
Tais como enfeites da vida...  
Tão gentís, tão tentadoras,  
São as futuras doutoras  
Da minha terra querida...

E quando a manhã palpita,  
Lá se vai, toda bonita,  
Com o seu riso tão lhano...  
Mimosa como uma flôr,  
— Bonita como o esplendor —  
Rilene Feliciano.

Com os seus olhos bonitos,  
Na esperança sempre fitos,  
Como quem do céu procede,  
— No rumo certo da escola,  
Lá se vai, toda pachola,  
A meiga Zilá Mamede.

Como quem o estudo doura,  
Alta, alegre, viva, loura,  
Pisando os seus passos leves...  
Na tarde linda e silente,  
Passa, sorrindo e contente,  
A risonha Laura Neves.

Depois, vendendo alegria,  
Trasmudada em simpatia,  
E de beleza estuante...  
Passa por mim, sorridente,  
Com seu sorriso esplendente,  
Elaíla Cavalcanti.

E ali, na tarde festiva,  
Sempre alegre, sempre viva,  
Com sua graça de aluna,  
(Por certo, a mais elegante),  
Passa, risonha e estuante,  
A linda Iclé Baraúna.

Nanci Matoso! que linda!  
Faz da vida uma berlinda  
De risos, graça e alegria...  
E que estudante mimosa...  
Até parece uma rosa  
Perfumando a luz do dia.

Déa Lucí, que beleza!  
Que encanto da natureza,  
Que linda joia esplendente...  
E além de ser tão mimosa,  
Tão bonita e tão formosa,  
Déa é muito inteligente...

Depois, avisto, risonha,  
Como quem, desperta, sonha,  
Pensando sempre no estudo,  
A silhueta elegante,  
— De inteligência estuante —  
De Ana Maria Cascudo.

Linda, mais linda que a vida!  
Mimosa, alegre, entretida  
Em ser feliz e ditosa,  
Avisto Valda Medeiros,  
— Com seus trejeitos brejeiros —  
Mais bonita que uma Rosa.

A mais linda... qual será?  
Não há quem diga... não há...  
Não sei... mas sempre procuro...  
Só sei que tão sedutoras,  
Serão elas as doutoras  
Do meu Brasil do futuro.

## O INVERNO E OS TRANSPORTES

(Conclusão da 42a. página)

dos centros consumidores, não pode levá-los ao mercado. A passagem custa caro, quando os rios podem ser vadiados, fóra o que eles têm de pagar nas "barreiras", que é o lugar da fiscalização tributária.

Mas isso é outra coisa.

O Presidente Juscelino, que nos prometeu — Energia, Transporte e Alimentação — bem poderia ver se dá um jeito, aqui para os seus enteados do nordeste. Já nem falemos em ENERGIA, que isso é riqueza e riqueza é luxo, embora Paulo Afonso esteja ali, bem pertinho.

Queríamos apenas transporte. E transportes e principalmente, estradas depois veículos. Façam-se estradas, mas estradas boas que o veículo o nordestino vai buscar longe, onde o houver para vender. Com as estradas, teremos transporte; com o transporte, a alimentação. E' só haver bom inverno.

E com inverno e alimentação o sertanejo tem ENERGIA para ir aos confins da terra.

# BELEZA



*As potiguares geralmente são lindas e formosas, mas, dentre elas, mais das vezes, destacam-se belezas tão vivas e tão raras que entusiasmam e empolgam. E esta página diz bem do encanto, da graça e da formosura da mulher potiguar.*

**INEZ ARANHA** — Uma das quatro mais belas — com a faixa de **MISS CHANGAY** -- 1957.

**MISS RIO GRANDE DO NORTE** — SENHORI  
**TA MARIA DO SOCORRO GURGEL**



**SOCORRO GURGEL**, na ocasião em que era cumprimentada pelo Sr. Governador Dinarte de Medeiros Mariz



# POTIGUAR

Beleza... Encanto...

Suavidade...



A mais Bela natalense —  
senhorita Luiza Maria Dan-  
tas — MISS NATAL 1957



## AS QUATRO MAIS BELAS NORTE-RIOGRANDESES

— 1957 —

Na foto, além de Socorro Gurgel e Luiza Maria, vê-se ainda as senhoritas Inêz Aranha e Tereza Neumann, terceira e quarta colocadas no concurso — MISS BRASIL — MISS UNIVERSO

# Modêlos de Louvação

LUIS DA CAMARA CASCU DO

As trovas de louvor são conhecidas em todos os cancioneiros. De louvor ou deslouvor Garcia de Resende escreveu e recitou-as na Corte. Não havia, outrora, festa sertaneja sem um par de cantadores para a Louvação. Casamento, batizado, chegada, apartação, o cantor tinha que brindar donos e donas de casa descrevendo virtudes existentes ou imaginárias. No folclore poético de outros países sul-americanos os exemplos abundam.

No "romancero del Cid encontra-se a mensão das "trovas" quando o campeador se casou com dona Jimena Gomez:

En las ventanas alfombras,  
en el suelo juncia y ramos  
y de trecho en trecho habia  
mil trovas al pesposado...

(Romancero del Cid", 12, 13-16,p.-11.ed.  
La Novela Ilustrada Madrid. s. d.).

Quase não há auto de Gil Vicente que não termine por uma louvação. Não tem outra finalidade os próprios versos sacros de Afonso El Sabio, as "cantigas de Louvor".

## DOIS EXEMPLOS DE LOUVAÇÃO

Meu amo, dono da casa,  
eu vou louvá o senhô;  
um moço assim que nem vós  
é, pra subí num andô,  
pr onde não vente nem chova,  
nem faça frio nem calô,  
juntim de Nossa Senhora,  
pertim de Nosso Senhô!  
Escute, me dê licença,  
pelo leite que mamou,  
se lembre dos nove mês  
que sua mãe lhe corregou,  
foram nove mês de ventre,  
foram nove mês de dô!  
e afinal, um belo dia,  
A parterã lhe pegou;  
segurou c'as duas mão,  
c'as duas mãos segurou;  
numa bacia de prata,  
com cuidado lhe banhou,  
numa toaia de renda  
com cuidado lhe enrolou,  
e um barretim enfeitado  
na cabeça lhe amarrou;  
Vamicê tava chorando,  
sua mãe lhe acalentou;  
o punho de sua rêde  
ela mesma balançou;

cantando uma cantiguinha:

- ti - ri - lá - ti - ri - lô - lô -

Agora vós, que sois home,  
pague o tributo de amô  
a quem o seu nascimento  
nesta viola cantou,  
e está reinando cantá  
tronco, rama, fruta e flô!...

Vou lová sua espôsa  
da cabeça ao calcanhá;  
lovo mão e lovo dedo,  
lovo braço e lovo pá;  
ao depois lovo a cabeça,  
cabelo de penteá;  
ao depois a sobranceia,  
lindos oios de enxergá;  
ao depois mimosa bôca  
e os dentes de mastigá;  
ao depois o pescocinho  
que é quem confeita o colá;  
e lovo até o joeio,  
qu' é dela se ajoeiá,  
quando chega nas Igreja  
fazendo o pelo-siná,  
passando o dedo na testa  
mode o Cão não atentá;  
Lovo a botinha do pé  
Lovo as meia de calçá,  
o jeito da criatura,  
quando sai pra caminhá,  
tão bonita e tão faceira,  
Pra seu marido espiá...  
Lovo isso e lovo aquilo,  
Eu lovo e torno a lová;  
Agora pergunte a ela  
se tá direito ou não tá!...

(colhidos por Leo. Moita)

## LOUVAÇÃO DE BATIZADO:

Vou louvá êste menino  
que acaba de chegá,  
Ele veio lá do céu  
pra tôda terra alegrá,  
vivê no meio do ouro  
e o ouro não mareá;  
brincar com pedra de prata  
e ela não embaçá;  
crescer como pé de pau,  
ser tão rico como o Má,  
ter mil cavalo de sela  
e neles todo montá,  
não conhecer inimigo

Continua na pag. 37

# Os Minérios na economia do Rio G. do Norte

JOSE' AGUINALDO DE BARROS

Dentre os estados da união, é o Rio Grande do Norte, a despeito da sua pequenez territorial um dos mais ricos em minérios estratégicos. Sem levarmos em consideração os minérios atômicos, tais como o Urânio e o Tório, não explorados ainda, temos a Columbita, Tantalita, a Xilita e o Berilo, todos em fase de franca exploração. Concorrem eles com forte contingente de impostos para a União, o Estado e os Municípios, além de produzirem uma quota apreciável de divisas em dólares, principalmente.

Argumenta-se, a grosso modo, que é a Paraíba a melhor beneficiada com os nossos minérios e acusa-se o Governo da União por manter em Campina Grande um laboratório para análises dos minérios, na sua grande maioria produzidos pelo Rio Grande do Norte.

Na verdade, a Paraíba tira, naturalmente, bom partido na exportação dos nossos minérios, partido, aliás, bem merecido, por razões óbvias. Quando, há uma vintena de anos atrás, os audaciosos garimpeiros da nossa terra começaram a descobrir xilita, tantalita, columbita e berilo, o norte-riograndense, sempre apático no que diz respeito aos interesses da terra, negou qualquer parcela de cooperação, resultando daí o interesse dos paraibanos que, facilmente, se organizaram como exportadores, notadamente em Campina Grande. Resultou, naturalmente, um comércio organizado de minérios, com facilidades aos garimpeiros locais. Quem, no interior do Rio Grande do Norte, encontraria, em Natal, por aquela época, compradores para os minérios em exploração? A pergunta é de facilíssima resposta — Ninguém. Nenhuma firma surgiu, durante e após-guerra, com a finalidade de exportar minérios. Surgiram, sim, grandes especuladores com farinha de trigo e cerveja, mercadorias que deram fortunas a firmas locais em 1942. Já se achava em situação de grande importância o mercado de Campina Grande, para onde convergiam todos os que lidavam com minérios no Rio Grande do Norte. Justifica-se, pois, a existência de um laboratório naquela região, tanto mais que os americanos, cientes da existência de um mercado de minérios na região, para ali estabelecerem o seu escritório de compras. Tal teria acontecido se houvesse em Natal, por exemplo, firmas exportadoras dos diversos minérios procurados. Sabemos que de milhares de toneladas de outros minérios de pequeno valor comercial, como, por exemplo, Fluorita e Barita, são exportadas pela Paraíba, a despeito de a sua totalidade ser produzida no Rio Grande do Norte. E por que? Naturalmente, porque não temos exportadores locais. Culpa do Governo, da falta de laboratório? Não. Culpa, exclusivamente, dos nossos homens

de negócios. Considere-se o embarque, pelo porto de Natal, de, pelo menos, 80% dos nossos minérios exportáveis e, tomando por base um volume físico de 5.000 toneladas, teríamos como coadjuvantes na nossa economia: — frete rodoviário de mil caminhões, com 5 toneladas cada, para a praça de Natal e, conseqüentemente, com o suprimento na praça local de mercadorias essenciais à vida do nordestino, mercadorias essas compradas, por força da ida do minério para Campina Grande, nesta última cidade. Esta a questão na sua fase preliminar. Vejamos, agora, o lucro dos despachantes, da estiva, das Docas do porto e, claramente, com o aumento na frequência de navios que aqui aportariam cujos tripulantes deixariam também a sua participação. Defende-se com unhas e dentes, a existência desta miniatura de laboratório existente em Natal. Pensamos, seja-nos permitido pensar, de modo diferente. Defendemos a tese da existência de um laboratório no Rio Grande do Norte, porém, não em Natal. O laboratório deve existir, não como miniatura, no centro produtor do minério, o Seridó, e principalmente, em Currais Novos.

Abatam-se as barreiras do "bairrismo" piégas e gritemos — está falando um norte riograndense que tem muito amor a sua terra — o Norte do Brasil possui um estabelecimento em Campina Grande, Paraíba, que é um modelo em técnica e cujo conceito já rompeu as fronteiras do nosso Brasil para impôr-se de modo insofismável no exterior — O Laboratório do D. M. P. M. Certos estaríamos se pleiteassemos coisa igual para o Rio Grande do Norte...

## O PROFESSOR EFIMOV

— Conclusão da página 17

— Não tomarei nenhum remédio? — perguntou Guzman.

— Não, o meu amigo já falou o suficiente. O homem de genio que descobriu a alma achou também o tratamento de suas afecções pela confissão. A sua doença atacou a alma em todo o seu conjunto. Caso raro, curioso e muito interessante. Há diversos complexos em um só, ou melhor, um feixe de complexos.

Pedro Guzman pela primeira vez teve um estremeamento. Pensou que os terríveis sintomas da doença voltavam agora, mais acentuados. O professor Efimov procurou acalmá-lo:

— A doença mais grave, tratada cientificamente, pode resistir, num dado momento. Essa mesma doença, abandonada a si mesma, pode ser debelada espontaneamente com apenas dois copos d'água; noutro momento ou noutro lugar. O meio em que o senhor vive é nocivo à sua cura.

Pedro Guzman, num fiapo de voz, disse que estava de acordo. Perguntou o que devia fazer.

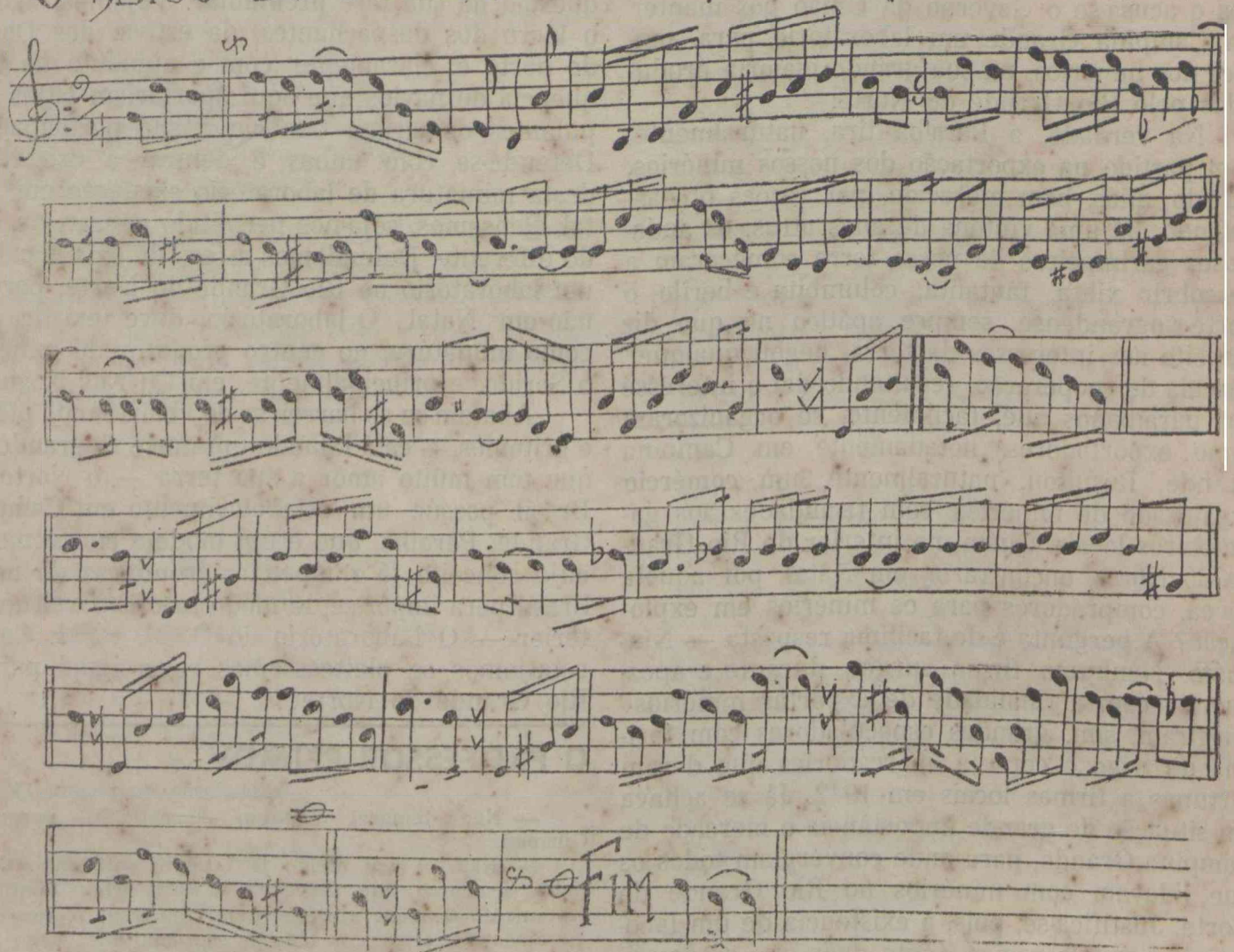
— Vá viver numa casa isolada, nas motanhas desertas do Tibé. Nada de espelhos para não correr o risco de vêr-se. E ao fim de cinco anos, se ainda estiver vivo, é porque está curado.

# MUSICAS SUBLIMES

EDUARDO MEDEIROS – O GRANDE COMPOSITOR POTIGUAR – DEPOIS DE  
HAVER CANTADO, NA SUA SUBLIME MUSICA, TODA A NOSSA VIBRAÇÃO,  
HOJE ESTÁ VELHO E POBRE, MAS A SUA INSPIRAÇÃO FECUNDA AINDA  
NOS DÁ MUSICAS DELICIOSAS COMO ESTAS:

## O BEIJO DO TELEFONE

CHORO CANÇÃO DE EDUARDO MEDEIROS •  
POEMA DE JOÃO DE AMORIM GUIMARÃES



## O BEIJO DO TELEFONE

*Déste-me um beijo... pelo telefone...  
Que goso, que prazer... delícia infinda...  
Fiquei tão louco que beijei o fone  
E até agora o acaricio ainda.*

*E este beijo que veio enternecido  
No som de tua voz alegre e calma,  
Entrou-me, suavemente, pelo ouvido,  
E foi direto perfumar-me a alma.*

*Eu imagino agora... que delícia...  
Que goso infindo e que lascívia louca,  
Não seria... que sonho, que carícia,  
Beijar teu beijo em tua própria boca.*

*Aí, então, na sensação constante  
Desses teus lábios rubros de desejos,  
Eu teria, sorrindo e palpitante,  
Meu amor perfumado nos teus beijos.*

I

# Tua Boca

I

Sinto tanto praser  
Em beijar tua boca,  
Que distante de tí,  
Ao lembrar-me querida,  
Vejo envolver-me a vida  
Uma saudade louca.  
Sito tanto praser (bis)  
Em beijar tua boca:

II

Quanto são atraentes  
Os teus labios mimosos!  
Como é bom possuí-los  
No calôr do desejo,  
Cheio de amor e pejo.  
Momentos venturosos...  
Quantos são atraentes (bis)  
Os teus labios mimosos!

## TUA BOCA

BOLERO DE EDUARDO MEDEIROS  
POEMA DE CARLOS SIQUEIRA

The musical score is written on six staves. The first staff begins with a treble clef, a key signature of one sharp (F#), and a common time signature (C). It includes dynamic markings such as *cp* and *m*. The second staff continues the melody. The third staff features a first ending bracket labeled *I. V.* and a second ending bracket labeled *2.ª VES*. The fourth and fifth staves continue the melodic line. The sixth staff concludes the piece with a double bar line and a final *m* dynamic marking.

# Bonequinha de Amor

G.

Não acreditava que aquela cabecinha "louro-queimado" pudesse refletir, pudesse pensar, pudesse conter uma idéia.

Ela é tão mimosinha, tão franzina, tão pequenina, que eu ficava pensando, que tudo nela era brinquedo de boneca, até seu pensamento. Não acreditava que uma cousinha tão leve, tão mimosa, tão suave, tão cândida, pudesse formular um pensamento, por mais fútil que fosse.

Antigamente, encontrava-a diariamente, ficava positivamente no seu caminho, para vê-la e admirá-la. E ficava olhando, olhando!..

A's vezes ficava pensando que a própria calçada, ao contato do seu pesinho delicado, fornava-se macia, transformavam-se em arminho ou gase, para suster a pisada suave, e não magua-lo. E ela dava-me a impressão de ser assim como a brisa da noite, mansa, acariciadora, lembrando afaços, recordando carinhos.

E, então, perguntava a mim mesmo uma porção de cousas a seu respeito: — falará? Mas, se falar, a sua voz deve ser tão débil, tão dóce, tão sutil, que torna-se-á imperceptível. E o que comerá? Qual será a alimentação daquela cousinha? Sonhará? Sim, certo que sonha. Sonha interpretando o papel de Branca de Neve, embalada e mimada por anões microscópicos e bons, que têm por ela uma adoração de escravos.

Depois, quando a avistava de novo, voltava à realidade. Não, ela não é de brinquedo. E' gente mesmo. Vibra dentro daquele corpo franzino e belo, um coração capaz de amar. Dentro daquela cabecinha há imaginação e pensamento e idéias e desejos e sonhos.

E, assim ficava eu, coismando: é gente, é brinquedo, é brinquedo, é gente...

Um dia — e sempre há um dia em nossa vida — tive ocasião de conversar com ela.

— Bonequinha — arrisquei — você...

— Eu, o que? Diga logo...

— Você é tão mimosinha, tão bonita, tão...

— Declaração de amor? Se é declaração de amor, está muito arcaica, muito velha, muito fora de moda. Hoje, meu caro, declarações de amor se faz assim:

— Plaf! E sapecou-me um beijo...

— Que danadinho, enfim. E eu que pensava que você fosse mesmo de brinquedo...

— E sou. Sou de brinquedo bom, de brinquedo de amor. Uma bonequinha com alma, ardente, viva, risonha, sonhadora, feliz. Você não gosta?

— Se gosto? Outro beijo...

— Não, meu bem, agora é você quem tem de beijar a bonequinha. Mas olhe, não gosto dos beijos rápidos e breves. Aliás, não gosto de beijos. Gosto, sim, de um beijo, um só, intermimo, infinito, que tenha a duração de uma noite todinha, uma noite de luar... o mar rugindo perto, as sombras acenando mistérios amorosos, as estrelas do céu enfeitando de luz a amplidão da noite e os nossos corações pulsando de prazer e de alegria. Sim, um beijo só... intermimo e constante, incendiando o amor que vibra em nosso peito, que sacode a nossa alma e inunda de desejos e de sonhos os nossos corações. Um beijo só nos satisfaz, meu bem, contanto que esse beijo tenha a duração igual à duração da noite...

— Beija-me, acrescentou ela...

E, manhazinha ainda, quando os primeiros albos da alvorada despertavam o dia, os nossos lábios, juntos, ainda se perfumavam de amor e vibração...

# SOMBRAS

José Aginaldo de BARROS

Sombras. E mais sombras. Passam por nós sobraçando trapos de preconceitos hostis... Sombras, só sombras...

Pedras ferindo os nossos pés cansados. Por sobre nós, estrelas. E as sombras sempre andrajosas

Inveja. Incapacidade de sentir, de pensar... Outras sombras...

Sinto-as... Vêjo-as... Através dos seus passos indecisos, disfarçados... Quantas sombras povoando as nossas vidas!...

Torpeza de imaginação. Nem sequer souberam ouvir o cantico da passada em festa, numa quixabeira agreste!... Por que tantas e tantas sombras?

Tão bonito o amanhecer! Tão bonito! Pergunte às sombras por que fugiram do amanhecer?

E vamos, nós dois, rolando, rolando, rolando pela estrada da vida. Sempre e infelizmente acompanhados de sombras!...

## ENCANTOS DE NATAL

(Continuação da página 4)

zes apresentando a brancura da areia finíssima e, aos nossos pés, o rio, manso, formando um grande lago na embocadura da Cambôa Manimbú, e um outro lago mais estreito, na entrada da Jaguarí.

Nas noites de luar, nas quentes noites de dezembro, naquele recanto suave de beleza e de encantamento, a natureza deliciosa e pródiga pinta de cores vivas todas as cousas. O mato é mais verde, o rio é mais azul, a areia é mais alva e a beleza, a deliciosa beleza de tudo que se vê, é encantadoramente sublime.

A policromia das cores e o relevo dos acidentes, o pitoresco do silencio da natureza morta, parada, o encanto da visão magnífica e estarecedora, formam, diante dos nossos olhos abismados, um paraizo delicioso e calmo, que nos faz até sentir, num mixto de nostalgia e de arejamento, o desejo sincero de ter nascido no tempo dos índios, de sermos índios, amando a natureza viva, sem os retoques da civilização, a natureza vírgem, viva, bonita natural e bela tal qual ainda está ali.

# De u'a Mãe à filha ausente

N. da R. — No dia das mães, a professora Da. Chiquita Nolasco Fernandes, esposa do Deputado Dr. Tulio Fernandes e nossa colaboradora, leu, para as alunas da Escola Domestica de Natal, em sessão solene, a carta que transcrevemos abaixo.

O trabalho da grande intelectual conterrânea, inspirado por certo no seu próprio sentimentalismo de mãe exemplar, contém a sublime verdade dos conselhos maternos e a doçura e o encanto dos corações das mães falando aos filhos.

E "Revista Potiguar" tem a honra de divulgá-lo em primeira mão.

## MINHA QUERIDA

Célere voa o meu pensamento em busca de tua presença, que hoje se me afigura mais saudosa.

Não poderêi ver-te, senão com os olhos da alma, que, embóra inflada do santo orgulho maternal, prosterna-se ante o Todo Poderoso, para render ações de graças pelas alegrias que me há concedido, através desses filhos que me enchem o coração e a vida.

Não fôra o extravasamento dessa ternura filial tão cara ao nosso coração de mãe, quem nos poderia prestar homenagem mais carinhosa e mais sincera? Quem se lembraria, que um raio de alegria não faz mal á nebulosidade do viver diário, afanoso e esgotante, senão um filho bem-amado?

E há mães que maldizem os filhos!...

Eu mesma, quantas vezes me impacientei e, tumultuando a placidez do nosso lar, bradei exasperada contra esses filhos que hoje me rendem comovida homenagem?!

Desnorteada com a evidência em que me colcaste ao lado de tódas as mães extremosas e sábias, ou confundida entre milhões igualmente anônimas, mas virtuosas e santas, eu me pergunto, se no acervo insignificante das minhas realizações passadas e presentes alguma cousa eu fiz, além do cumprimento do dever, para merecer tanta honra.

Porque vale a pena saber, minha filha, que o casamento é, antes de tudo, um voto de renúncia e a maternidade, a perpetuação dessas ordens divinas.

Quem não se sentir inclinada á abstração total dos seus desejos, quem não tiver no coração mais amor do que anseios, conte com maiores sofrimentos e minimas alegrias na vida de casado, especialmente se houver filhos.

Por isso, minha querida, não sei se bem tenho cumprido minha missão, porque dela só me têm vindo profundas alegrias.

Embora não o pareça, dei-lhes com a minha vontade, todo o meu amor, a única dádiva que, sendo minha somente, poderia resgatar a felicidade que me foi concedida de ser mãe e fazer meus filhos felizes.

Terei conseguindo o meu intento?

Por acaso, não estabeleceste paralelo entre a

tua e as outras mães, e física e moralmente, não achaste como tua mãe não corresponde ao teu ideal?

E' natural. E' possível que tu tenhas razão. Eu mesma sinto como, quantas vezes, me tenho afastado de uma linha imaginariamente traçada, para o cumprimento fiel da minha missão!...

A perfeição não existe, filha. Contenta-te, pois, com o que te coube por sorte e crê, uma mãe, seja qual for a sua condição e os seus dotes, tem pelos filhos uma ternura tão grande, tão profunda, tão insuperável, que substitui tódas as qualidades que por ventura lhe faltam.

E as mais ignorantes, as que nos parecem menos compreensivas, aquelas que, de qualquer modo, não lisonjeiam a vaidade dos filhos, essas mães não sabem externar seus sentimentos e escondem, avarentamente, os veios da sua ternura maternal, como os filões de ouro nas entranhas da terra; essa ternura que ás vezes só se manifesta em forma de heroísmo ou vive latente e desconhecida, vale mais que outras qualidades mais brilhantes, embora superficiais e passageiras.

Essas são as mães dos bravos, dos fortes, dos estoicos, dos herois, dos mártires ou dos santos.

Uma mãe não pode deixar de amar os filhos porque o filho é um pedaço de nós mesmas, que o sofrimento arrancou para que florescesse no coração a mais bela das espécies florais — O AMOR MATERNO.

Lebra-te de mim, no dia de hoje, com um pensamento jovial e que o meu amor te faça feliz e te acompanhe, como uma bênção permanente, no decorrer de tua vida.

TUA MÃE

## Gov. José Varela

Tendo o Governador Dinarte Mariz se licenciado, para, com mais aperirosidade, tratar, no Rio de Janeiro, diversos problemas de interesse do Estado, assumiu o Governo o Vice-Governador, Dr. José Augusto Varela.

acertada diretriz do Governador Dinarte Mariz, terá oportunidade de, novamente, dirigir os nossos destinos, com o mesmo, entusiasmo e a mesma projeção da vez anterior.

E ésta certeza nós temos por sabermos que, nas oportunidades de assenção a cargos públicos, o Dr. José Varela tem se demonstrado um verdadeiro patriota e um administrador exemplar, digno da confiança e do respeito dos seus conterraneos.

# O Rio G. do Norte e o problema da educação

O setor educacional não poderia ficar à margem dos propósitos desta Revista. A educação é o eterno problema dos governos e sua solução, um grande pezado para os nossos homens de cultura. As estatísticas previam que somos um país, cujo índice de analfabetos ocupa lugar de destaque diante de outras nações. E contra esta triste realidade é que se têm processado reformas e mais reformas visando o aprimoramento do nosso ensino, desde o nível primário ao superior. Os resultados destas reformas, porém, nem



Dr. Tarcisio Maia

sempre tem correspondido as expectativas. Como, via de regra, a boa vontade supera as deficiências, é de se esperar que a exemplo do Japão, da Turquia — que chegou a modificar, para melhor, seu sistema de escrita — da Rússia, da Alemanha e de outros países, nos quais a educação não mais constitui problema de vulto, o Brasil possa apagar esta nódoa que nos entristece e envergonha e que o coloca tão mal no conceito mundial.

O Rio Grande do Norte em que peze sua reduzida

área, tão castigada pelo clima, vem lutando galhardamente ao lado dos Estados có-irmãos, para encontrar um solução para o chamado problema do ensino e do analfabetismo. Seus poucos recursos econômicos, as vezes, entravam os planos firmados para combater o mal. Mas, isto não impede que homens de coragem e de larga visão, a par de todos os sacrifícios, empreendam um trabalho honesto e objetivo em prol do aperfeiçoamento e da aprendizagem do nosso povo. Um destes abnegados é o Dr. Tarcisio Maia, atual Secretário de Educação. Como o nosso objetivo era saber da verdadeira situação do Estado em face do problema educacional, fomos procurá-lo no órgão que lhe está afeto. Daremos a seguir os dados colhidos através das apalavras abalizadas do Dr. Tarcisio.

## ENSINO PRIMÁRIO

O ensino primário é atualmente ministrado em 81 Grupos Escolares, 60 Escolas Reunidas, 705 Escolas Isoladas, 446 Escolas Subvencionadas. Nestes estabelecimentos estão matriculados 85.358 alunos, sendo 20.810 na capital e 64.542 no interior. Infelizmente o número de matrículas ainda é pouco em relação a população escolar de aproximadamente 130.000 crianças. Apresenta-nos portanto um déficit de cerca de 45.000.

No magistério estão 1.643 professoras, das quais, 650 diplomadas e 1.093 leigas.

Vale acrescentar que, encontram-se em fase de recuperação e reparos um grande número de prédios escolares e que, após os serviços, entrarão em funcionamento proporcionando assim novas matrículas, em quantidade capaz de diminuir o déficit acima apresentado. Têm sido envidados todos os esforços para se conseguir o

término dos referidos serviços dentro do mais curto espaço de tempo possível. certo modo o problema das vagas ficará superado.

## ENSINO SUPERIOR

### ENSINO SUPLETIVO

Os Cursos de Alfabetização de Adultos que são mantidos com dotações do Ministério de Educação e Cultura, estão sendo ministrados através de 119 classes, distribuídas em todo o território do Estado. O índice de matrícula e de aproveitamento é consolador. Este sem dúvida era um dos sérios problemas e que hoje, graças ao elevado espírito de compreensão dos homens públicos, vai se resolvendo de uma maneira mais ou menos satisfatória.

### ENSINO SECUNDÁRIO

Todos estão lembrados da luta imensa na qual os estudantes tiveram de se defrontar diante do reduzido número de vagas no Instituto de Educação. O caso criado era dos mais sérios e exigia providências imediatas. E estas não tardaram. Determinou-se que seria utilizada a capacidade máxima do estabelecimento, inclusive, o funcionamento de três turnos, além de uma seção noturna no Grupo Escolar do Alecrim. E isto foi feito com resultados positivos. Contrataram-se novos professores, aumentaram-se o número de pessoas necessárias ao expediente burocrático.

Há possibilidades entretanto, de vir a repetir-se no próximo ano, a mesma dificuldade com relação a vagas no velho Ateneu. Porém, uma solução já se apresenta e está sendo posta em prática: trata-se da construção de dois Institutos de Educação — um em Mossoró e outro em Calço — ambos com capacidade para 3.000 e 2.000 alunos respectivamente. Caso estas obras estejam concluídas até o fim do corrente ano, de

Não possui ainda o Rio Grande do Norte uma Universidade. Porém encontram-se em regular funcionamento cinco Faculdades, funcionamento este que se processa dentro de um clima de absoluta moralização tão necessária, mui principalmente nesta fase inicial de vida universitária potiguar. Além da Faculdade de Farmácia e Odontologia já com dez anos de existência, temos a de Direito, a de Medicina, a de Serviço Social e por último a de Filosofia que iniciou seus cursos no princípio deste ano. É bem provável que num futuro próximo, sejam instaladas as Faculdades de Ciências Econômicas e de Engenharia, já havendo do entendimentos nesse sentido.

Esta é a nossa situação.

Resta-nos agora esperar, que o ensino, não só no Rio Grande do Norte como em todo o país, evolua sempre, se desenvolva e se aperfeiçoe, adquira novos rumos e caminhe de frente erguida empunhando a arma do saber e vá cobater estes terríveis cancores sociais que tentam nos sufocar: a ignorância e o analfabetismo.

O Melhor Cimento para  
Construções

"NASSAU"

Comercial Importadora  
Jabimpex S. A.

Av. Rio Branco 247 —  
Fone 11-36

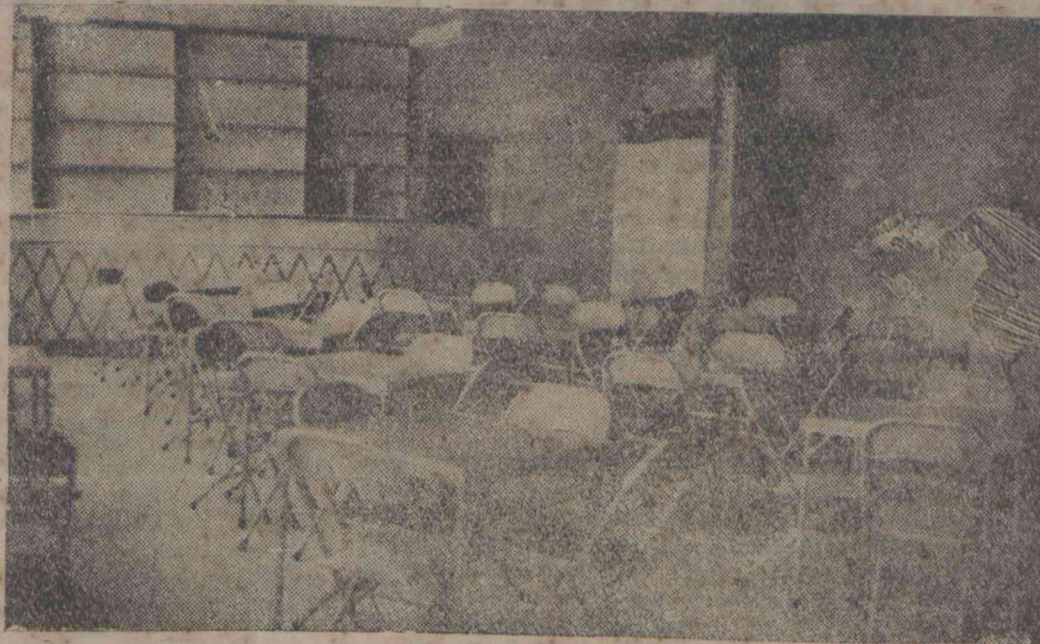
NATAL

RIO GRANDE DO NORTE



presentantes Comerciais. Foi construído pelo Engenheiro Wilson Miranda, que com a colaboração efetiva dos seus operários, conseguiu dentro do menor espaço de tempo possível, entregar ao Rio Grande do Norte, especialmente a Natal, uma formidável obra de arquitetura que embelezou sobremaneira seu panorama urbanístico.

O ato de inauguração foi presidido pelo Governador Dinarte de Medeiros Mariz, usando da palavra na ocasião os srs. Brasílio Machado Neto, Luiz de Barros além de outros oradores, que unânimeamente enalteceram a obra de direito privado recém-entregue ao comerciante potiguar. Em seu discurso, o Sr. Luiz de Barros ressaltou a importância do empreendimento, frisando que "Com a inauguração do Centro SESC-SENAC, iniciou-se uma nova etapa de política de amparo ao comerciante brasileiro, desenvolvida pelos grupos econômicos do Comércio, por intermédio das suas duas instituições assistenciais — o Serviço Social



SALÃO DE RECREAÇÃO

do Comércio e o Serviço de Aprendizagem Comercial". E no final de sua oração dirigiu-se aos comerciantes potiguares, com as seguintes palavras: "Esta casa que foi feita para vós, e agora vos entregue simboliza muito do apreço e da solidariedade que vos dedicam os comerciantes de todo o Brasil. Engrandecei-a com a vossa presença e a vossa ambição de

aperfeiçoamento, certos de que assim, cumprireis a vossa parte na plena realização do seu destino".

Após a solenidade inaugural, que contou também com a presença de numeroso público, foi o magestoso edifício aberto à visitação geral. Todos que ali se encontravam e que o visitaram em seus diversos salões, ficaram verdadeiros orgulhosos e

certos de que ainda existem homens de empreendimento e que são capazes de grandes sacrifícios em benefício da coletividade.

De parabéns o Rio Grande do Norte. De parabéns, Natal. De parabéns a operosa classe comercial potiguar pela obra magestosa que lhe foi entregue como símbolo ativo de solidariedade humana.

# MADEIRAS

LUIZ G. M. BEZERRA

FONE: 20-30

Massaranduba — Louro Canela — Amareló Vinhático — Sucupira Andoroba

— Peroba — Inamaí — Cedro — Cupioba — Pinho — Imbuia — Fatapios —

Caibros — Ripas — Barrotes

UM SÓ PREÇO PARA TODOS OS FREGUESES

End. Tel.: "CEDRO" — Caixa Postal, 236 — Fone 20-30 — Rua Cel. José Bernardo, 941

NATAL

RIO GRANDE DO NORTE

(a educação é um dos pontos básicos de sua vida), contando a escola do N. C. P. com boa frequência de jovens nipônicos que, ao lado de nacionais, iniciam-se no primário. Os adultos, por sua vez, empregam todo o tempo disponível em aprender, também o português.

Terminado o período de adaptação, passará o colono a pagar pela terra, benfeitorias e assistência recebida. Trata-se, assim, de uma ajuda ao trabalhador rural, realmente evoluída e construtiva, sem que se faça necessário alterar o nosso regime administrativo. A grande conveniência desse método se resume em que o homem ali admitido passa a trabalhar no que é seu, estimulado a realizar um programa de atividades compatível com a aspiração de receber, em futuro próximo, o título de posse definitiva da terra, que lhe está concedida em caráter provisório.

**INFLUENCIA JAPONESA** — Sob vários aspectos, é o conhecimento que os japoneses vão exercendo sobre os nacionais. Primeiramente, pela preocupação que todos demonstram de estabelecer afetivo contacto com os brasileiros. Depois, porque, conhecedores profundos dos mais modernos processos da técnica agrícola, despertam no colono patriótico o interesse de imitá-los na adubação e correção do solo.

Tal aprendizado somente poderá dar bons frutos que naturalmente ultrapassarão os limites do Núcleo, expandindo-se por todo o Estado e provocando, consequentemente, verdadeira revolução de base em nossos rudimentares métodos de cultivo, o que redundará numa rápida e objetiva evolução da agricultura em nosso meio.

**O POSTO DE REVENDA** — Foi uma das grandes iniciativas do dr. Antonio Malta que em muito favoreceu a produtores e consumidores. Em dezembro do ano passado, iniciaram os japoneses as primeiras vendas aos intermediários locados nos mercados públicos de Natal. Embora a produção fosse ainda pequena, avultados eram os prejuízos, porque pouco se vendia, e a preços irrisórios. Houve a colaboração do posto de revenda do Fomento Agrícola, mas, ainda assim, aumentavam progressivamente as perdas.

Nestas condições o Administrador do Núcleo iniciou a venda diretamente ao consumidor, através de um local cedido pela Prefeitura. Resolveu-se o problema, de modo tão satisfatório que os resultados auferidos deram a seguintes estatísticas: Janeiro: Cr\$ 18.853,10; Fevereiro: Cr\$ 33.834,00 (venda indireta); Março: Cr\$ 106.585,90; Abril: Cr\$ 133.704,00; Maio: Cr\$ 88.216,00 (venda direta).

No mês de maio, em vista de ser a época normal da produção de verdura, eles resolveram empregar maior atividade na cultura do arroz, já estando entretanto intensivamente cultivadas todas as espécies de hortaliças para suprimento do mercado a partir de agosto p. vindouro, época do declínio da nossa produção.

Vimos produzir e não comerciar". Eis a resposta dos japoneses àqueles que naturalmente perguntarão porque o Governo dirige o sistema de vendas. Não falando ainda português, desconhecendo as exigências do nosso mercado, sem dispôr, ainda dos recursos indispensáveis à instalação de Posto e, sobretudo, por não terem atingido um nível de produção capaz de satisfazer às suas aspirações de produtores, imprescindível se fazia uma ajuda efetiva dos poderes interessados.

Isso, entretanto, vem sendo feito voluntariamente pelo dr. Antonio Coelho Malta, vez que não é da competência do INIC responsabilizar-se diretamente pelas vendas da produção dos colonos. Dada a impossibilidade da permanência dos japoneses em Pium, sem um mercado certo para o fruto do seu esforço, e ponderando sobre as expectativas do melhor conceito dispensado pela coletividade ao serviço, o dinâmico administrador lançou-se resoluto a esse aspecto do problema, assumindo sua inteira responsabilidade.

E, tão animadoramente foi o resultado que hoje em

dia, o dr. Antonio Malta, além de chefe do Núcleo tem se constituído o maior servidor da população natalense, realizando completo abastecimento da cidade, adquirindo em outras fontes os artigos que faltam ao Núcleo Colonial do Pium.

Isso, convem mais uma vez ressaltar, de iniciativa estritamente pessoal, assumindo, inclusive compromissos com o comércio local, na aquisição de materiais necessários à instalação do posto, e para os quais não há verbas orçamentárias na repartição que dirige.

**COLABORAÇÃO** — Valiosa tem sido a colaboração dos poderes públicos e particulares na obra que S. S. vem realizando, e que não teria o rápido desenvolvimento que atingiu sem essa ajuda. Quer as firmas Galvão Mesquita Ferragens S. A., Araújo Freire & Cia., no fornecimento de material, a prazo e a preços razoáveis, e do Prefeito Djalma Maranhão, pela cessão do local para o Posto e ampliação em fase de últimação, sem omitir as palavras de estímulo e de confiança que o Governador e o Ministro da Agricultura têm dirigido.

Graças a essa colaboração, já foi obtido do presidente do INIC, dr. Fernando Ramos de Alencar, o maior empenho na aquisição de uma nova propriedade para instalação do segundo Núcleo Colonial do Rio Grande do Norte, com maiores possibilidades de produção.

**CULTURA DO ARROZ** — O novo empreendimento destina-se a localização de imigrantes especializados na técnica de exploração do arroz. E, a esse propósito, disse o dr. Antonio Malta:

— Na realidade, temos a convicção de obter resultados que servirão de exemplo e de estímulo aos proprietários de vales úmidos do Rio Grande do Norte, cujas terras até agora permanecem improdutivas, por falta, sobretudo, de uma cultura que apresente compensação econômica. E, como se vê, um empreendimento maior do que o de Pium, pois visa a introdução, em grande escala, de uma cultura que constituirá uma nova e valiosa fonte de rendas para o nosso Estado.

Esta convicção é reforçada pelos dados positivos que já obtivemos em experiências realizadas em Pium, onde batemos verdadeiro recorde. Pois, o produto obtido naquele Núcleo, além de apresentar melhor qualidade, registrou a animadora proporção de três mil quilos, por hectare de arroz, assinala média inferior.



VISITA DO ADIDO NAVAL NORTE-AMERICANO À BASE NAVAL DE NATAL

nem com êles se avistá,  
 ter saúde de pau-ferro  
 e força de marruá,  
 ser destro como Roldão  
 e p'ra doutor estudá;  
 Poder em todo sertão  
 em todo o sertão mandá,  
 Deus primita quê êle seja  
 o dono dêste lugá!...

Não me foi possível conseguir cópia das velhas "louvação de boda". Lembro-me ainda ter assistido, menino, antes da ceia dos recém-casados, os dois cantadores se ergueram, como num cerimonial, e pediram a presença dos Noivos. Estes vieram ao salão, repleto de amigos. Os cantadores curvaram-se e cada um depôs seu instrumento aos pés dos desposados, suprema homenagem, oferecimento das honras da noite artística. Os nubentes levantaram a viola e a rabeça e entregaram aos cantadores Estes de pé, um de cada vez, cantaram a louvação. Era no mesmo estilo das que citei anteriormente, mas lembravam obrigações e direitos, cenas da vida futura, lutas e alegrias que iam sofrer em comum. Aquela cena ficou-me na memória, com as côres que a saudade traz. Era como um código de honestidade, simples e rude, entoado pelas vozes másculas e autôritarias que evocam, naquela hora de ebridade, o mundo que ia surgir para ambos, numa continuidade de sonho e de batalha na herança das velhas famílias sertanejas que também tinham sido louvadas em minuto igual. Havia qualquer coisa de religioso, de primitivamente sadio, espontâneo, natural e comovente.

Meus pais, que casaram em outuoro de 1888, numa fazenda, ainda tiveram uma louvação simbólica, tradicional, ouvida em silêncio e respeito, cantada pelos dois menestrais analfabetos e comovidos, de pé como anunciadores de felicidade, reis d' armas esfarrapados que pregoavam a eternidade soberana do amor conjugal.

Os votos de felicidade feitos aos recém-casados era uso velho em Portugal. Fernão Lopes menciona por duas vezes na "Crônica del-rei dom João primeiro de boa memória", a ausência dos cantos das "donzelas burguesas" saudando os casados. Alexandre Herculano incluiu essa tradição nas festas por ocasião das bodas del-rei dom Fernando com dona Leonor Teles.

NOSSA CAPA — apresenta uma pôse fotográfica da mais bela potiguar — a formosa e encantadora srta. Socorro Gurgel

Foto de Jaecy — Cliche de a Republica

## ENG. JOSÉ GONÇALVES DE CARVALHO MELO

Regressou de sua viagem mais completo êxito. Vale ao Rio de Janeiro, sabado dia 8 do corrente, o Dr. José Gonçalves, Engenheiro Chefe do 5.º Distrito de Portos, Rios e Canais do Rio Grande do Norte.

Na capital do país S. S. desenvolveu intensos trabalhos no sentido de liberar as verbas destinadas ao pagamento dos diaristas e ao prosseguimento das obras do porto, tendo sido coroado do

salientar nesta oportunidade, que o Dr. José Gonçalves, com o fito de viajar para tratar dos assuntos de interesse da repartição que brilhantemente dirige, o fez, sem prejuizo dos serviços públicos, aproveitando as férias a que tinha direito. A Revista Potiguar, congratula-se com o Dr. José Gonçalves pela vitoria obtida no interesse do nosso Estado.

## Uma administração...

(Conclusão da 3a. pagina)

Agora mesmo, num gesto de arrôjo e de compreensão dos seus deveres, assina um contrato para construção do PALACIO DAS SECRETARIAS, soberbo edificio que, certo, — para a gratidão dos seus conterrâneos — marcará uma das maiores realizações do seu fecundo governo. E' que o irrequieto governador, sempre atento a todas as atividades administrativas, sabe perfeitamente do que mais precisa o Estado, e, às críticas sistemáticas — de que o Estado não precisa de obras suntuosas — saberá responder que: "nem só de pão vive o homem", e que não há luxo naquilo que, sendo uma necessidade, será tambem um motivo de orgulho para o Estado.

E depois, com a mesma firmeza e a mesma energia, exigindo especialmente lisura e honestidade na arrecadação e no emprego dos dinheiros públicos, ordena, por intermédio do seu Secretário de Finanças, que a Fiscalização ative a sua atuação e haja, dentro de suas atribuições justas e necessárias, com a liberdade a que tem direito, em beneficio e em defesa do erário público.

No setor da Justiça, não é outra a atitude do brilhante Governador, quando recomenda, com energia e disposição, que se retire da pauta policial do Estado as perseguições políticas ou as preferências absurdas e injustas, executadas e concedidas, como praxe, por muitos governos do Brasil.

Na âmbito social e cultural, S. Excia. aparece sempre como um benemérito, pronto para apoiar, ajudar e realizar todas as iniciativas necessárias à nossa expansão cultural ou social, ora apoiando iniciativas sociais, distintas, ora mandando editar, por conta do Estado, como fazem quasi todos os Estados da Federação, obras literárias e culturais, de autores nossos, que, sem a sua ajuda, não poderiam publicá-las.

Tudo isto faz S. Excia., naturalmente, espontaneamente, obedecendo apenas à diretriz a que se impoz, voluntariamente, de governar com o cérebro, sentindo, porém, que tambem possui um coração que pulsa de entusiasmo pelos seus conterrâneos, e pela terra comum.

E depois, ainda, volta-se para os esportes potiguares, que ampara e incentiva com ardor e entusiasmo.

Quanto à parte educacional já são conhecidos demais os seus propósitos de elevar cada vez mais o ótimo conceito que desfruta o ensino, no Rio Grande do Norte. E, por isto mesmo, para este setor, volta as suas atenções de um modo especial e realizador.

Esta é a diretriz de um governo que se impõe à confiança dos seus conterrâneos, que, por sua vez, como justa e patriótica recompensa, já lhe dispensaram todo o crédito de confiança, confirmado nos aplausos constantes à sua administração progressista e dinâmica, justiceira e edificante.

# NOVA ETAPA...

(Conclusão da pagina 8)

total de seis e meio quilômetros de linha. Outros melhoramentos foram efetuados nas pontes dos quilômetros 40, 41, 61, e 93.

Na ponte de Igapò, unindo as duas margens do Potengi, próximo a Capital, importantes melhoramentos foram efetuados, destacando-se pintura geral e a construção de novas guardas para a sinalização. Noutros pontos da ferrovia, inumeros outros melhoramentos foram introduzidos quasi todos visando a perfeição do tráfego.

## SITUAÇÃO DO PESSOAL DE OBRAS

Com o fim de tratar do assunto de interesse da Estrada que dirige e da situação do pessoal de obras, várias vezes foi ao Rio de Janeiro o dr. José Bittencourt, quando tratou junto ao Ministro da Viação, da criação de um quadro de tarefeiros buscando amparar centenas de servidôres que estão com as suas situações instáveis. Com a aprovação deste quadro, muitos serão beneficiados, pois passarão a perceber, mensalmente, vencimentos condignos, usufruindo todos os benefícios previstos aos funcionários federais.

## COOPERATIVA DE CRÉDITO

A fim de atender a grande familia ferroviária da "Sampaio Correia", foi fundada a mais de cinco anos uma Cooperativa de Crédito onde os associados poderão aliviar as suas necessidades, pagando juros módicos, a par de descontos leves. Possuindo um exigível de 116.151,80 conta com o disponível de Cr\$ 109.325,80, o que representa 94% do montante dos depósitos. Esse total encontra-se em espécie no Caixa e em diversos Bancos e Cooperativas desta Capital. Quanto ao Capital Realizável dispõe igualmente de um montante que alcança a cifra dos ... 348.311,40, representada esta por titulos com garantia suficiente de abôno, aval ou endosso. E' o bastante para considerarmos vitoriosa a Cooperativa dos Ferroviários, fadada a ampliar-se graças ao interesse de sua atual diretoria, onde aparece como Presidente a figura dinâmica do sr. João Batista Caldas, um dos grandes animadores do movimento cooperativo no Estado.

## OPEROSIDADE DE UMA ADMINISTRAÇÃO EFICIENTE

Desta maneira, vemos que o engenheiro José Bittencourt, à frente da nossa ferrovia, tem operado verdadeiros milagres. Consegiu, logo de início unificar, dentro de um trabalho produtivo, o funcionalismo da Estrada, que, sob

as suas ordens, trabalha satisfeito, produzindo o máximo. Organizou o tráfego, tirando daí um resultado compensador, que vem satisfazendo as necessidades do comércio. E imprimiu novas diretrizes aos serviços gerais da Estrada, providências estas cuja prática já produziu uma realidade deveras compensadora.

E todo esse trabalho do jovem engenheiro é feito sem alardes e sem propaganda, visando somente o desenvolvimento e aprimoramento dos nossos ferroviários.

## CONCLUSÃO

Assim a par das naturais dificuldades que tem encontrado na Direção de nossa principal ferrovia, nem por isso o engenheiro José Bittencourt se tem descuidado dos seus múltiplos problemas.

Ao contrario, todo o seu esforço, toda a sua capacidade mōça de realizar e produzir tem sido empregada no sentido do soerguimento material e financeiro da E. F. S. C. Se mais não tem feito S. S., deve-se ao fato de que nem sempre os seus apêlos aos podêres competentes têm sido atendidos. Mas isto, fica contrabalançado pelo grande desejo de bem servir e ser util a familia ferroviária norte-riograndense.

Orientado por um espirito altruístico e nobre, voltado para as realidades do Rio Grande do Norte, o engenheiro José Bittencourt vem, no silencio do seu gabinete, dia a dia, empliando seu conceito perante a opinião publica do Estado.

---

## Sob proficua...

(Conclusão da pagina do centro)

cujo material já foi comprado; remodelação do cemitério da cidade e outros empreendimentos de vulto.

## OBSERVAÇÕES

Como se vê, Lages muito está a dever ao atual administrador, homem esclarecido e capaz, que muito poderá fazer, ainda, até que o Município assinale, definitivamente, sem reencontro com o progresso. Necessario, porem, se torna, que a iniciativa não se restrinja ao dinamico administrador, e que todos os homens de boa vontade colaborem decisivamente para que, sob uma administração proficua e empreendedora, se promova, o mais rapidamente possível, o bem estar daquela laboriosa coletividade.

## Exposição de pintura

O nosso amigo Tulio Fernandes Filho, que é um pintor de grandes méritos, acaba de inaugurar mais uma exposição de sua bela pintura.

Os quadros expostos pelo jovem artista vêm merecendo os melhores elogios da crítica especializada, principalmente três telas de estilo moderno e diversas paisagens de Natal, destacando-se entre elas uma da Praia de Ponta Negra, que é verdadeiramente um trabalho digno de encômios.

Na abertura dessa exposição, Tulinho (como é conhecido na intimidade) ofereceu um COQUITEL à imprensa, ocasião em que foi saudado pelos presentes, recebendo então os elogios a que faz juz pela sua arte.

Revista Potiguar, que se fez representar nessa festa, renova aqui a sua saudação ao grande artista potiguar, certos que estamos do grande triunfo de sua exposição.

Madeiras em geral  
Do Norte e do Sul  
Do País

Escritório  
Av. T. Lira, 96, L.:  
Fone 13-43

**ANIBAL C. OLIVEIRA**

Representações

CONTA PROPRIA

Natal

Rio Grande do Norte

## CASAREI ?

### SORTE DE SÃO JOÃO

I

Não te aperrês, menina,  
Nem da sorte tenhas medo,  
Pois, como tens bôa sina,  
Hás de casar muito cedo.

II

Embora sejas sapeca,  
Casarás, já bem madura,  
Com um viuvo careca,  
Cuja fortuna é gordura.

III

Casarás, mas teu esposo  
Terá feição tão avara,  
Que ficarás sem repouso,  
Tão magra quanto uma vara.

IV

Hás de cazar, por amor,  
E muito breve... ligeiro  
Casarás com um doutor  
Risão, contente e fagueiro.

V

Não casarás... mas, no entanto,  
Sempre cheia de alegria,  
Serás - ardente de encanto -  
A mais formosa "titia".

VI

Terás três noivos, na vida:  
Inácio, João e Joaquim,  
Por todos serás querida,  
Mas... num noivado sem fim.

VII

Teu casamento virá...  
Virá a qualquer momento,  
Mas teu noivo morrerá  
No dia do casamento.

VIII

Lá na igreja da Matriz  
Cuja beleza eu relembro,  
Casarás muito feliz  
Antes mesmo de dezembro.

SE Va. Sa., VAI CONSTRUIR, PROCURE CONHECER OS PRODUTOS QUE DÃO BELEZA E CONFORTO A' SUA RESIDENCIA:

DURATEX - Chapas de fibra de madeira

FORMIPLAC - Chapas plásticas

SIKA-LAR e CONSERVADO "P" - Tinta para interior e fachadas.

DISTRIBUIÇÃO

## Marpas

Av. Tavares de Lira, 159 - Telefones: 11-33 e 25-35 - Natal - Rio Grande do Norte



## *Sociedade elegante*

ELAINE AMORIM DAS  
VIRGENS, Rainha dos Es-  
tudentes de 1957



ENLACE MATRIMONIAL DA SENHORITA  
MARLY BEZERRA—DR. SERTORIO MOTA,  
REALIZADO EM 30 DE MAIO ULTIMO

# Distribuidora de Generos Alimentícios Limitada

EXPORTAÇÃO E IMPORTAÇÃO

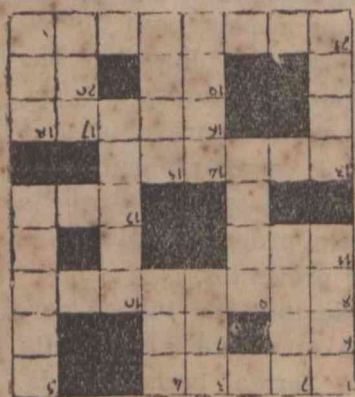
— REPRESENTAÇÕES —

RUA PRESIDENTE BANDEIRA, 421 — TELEF.: 25-18

TELEGRAMA: LUZENDO

Natal

Rio Grande do Norte



## PENSE & ACERTE

### PALAVRAS CRUZADAS

HORIONTAL: 1—Furar com alfinete; 6—Antes de Cristo; 7—Nota musical; 8—Substancia resinosa; 1—Reso; 12—Associação Silva Santos; 13—Sacerdote (plural); 16—Raivoso; 19—Basta; 20—Rço da Sibéria; 21—Animal Helmintos. VERTICAL: 1—Mal jogador; 2—Levantar; 3—Lavra; 4—Não vale nada; 5—Ligar (plural); 9—Grude; 10—Gruta do Brasil; 13—Mole, poroso; 14—Cousa dita; 15—Ano (plural); 17—Graça especial para fazer alguma coisa; 18— Grito de satisfação quando se dá alguma coisa boa a um garoto.

# CASA DUAS AMERICAS

DE

Assad Salha & Filhos

A CASA QUE ESTA' SEMPRE EM DIA COM A MODA

AVENIDA RIO BRANCO, 596 — TELEFONE: 19-67

Natal

Rio Grande do Norte

# ○ Inverno e os Transportes

CHICUTA NOLASCO FERNANDES

O inverno está um colosso, este ano. E' tudo ênovido que faz gôsto e, em alguns lugares, acham até que é demais, e que Nosso Senhor bem poderia deixar um pouco para o ano vindouro, pois a gente não sabe se vai ter chuva, e como não conseguimos ainda guardar tôda essa água tão boa e tão necessária, para quando houver falta, ficamos vendo pesarosos ela cair do céu generosamente, e infiltrar-se na terra depois de descer em caudais, engrossando os riachos, avolumando os rios, enchendo os açudes (os poucos e insuficientes que possuímos) até arrombá-los com a força do seu volume assustador.

As enchentes causam prejuizos terríveis, mas o sertanejo aceita-os prazeroso, pois sabe que um bom inverno o recompensará desses e de outros flagelos maiores e mais antigos que o vinha atormentando.

Com a chuva abundante, os problemas são novos e nem se diga que não são importantes, muito embora o pareçam, tal o descaso com que são tratados, por quem de direito devia resolvê-los.

E' o caso dos transportes.

Na época invernosa, viajar é uma aventura temerária, mesmo num confortavel avião, pelas estradas carrossáveis do infinito, atravancadas de nuvens encasteladas, dificultando o tráfego, modificando as rotas e retardando os pousos. Imagine-se viajar pelas nossas estradas terrestres fabulosamente caras, mas lamentavelmente imprestáveis, mermente quando as chuvas as transformam em charcos, riachos, lagoas, torrentes, precipícios, tudo, menos estradas transitáveis.

Comumente, apenas alguns trechos, mais ou menos extensos, oferecem condições de segurança e relativo conforto, ao viajarmos em qualquer veículo, sem receio de deslocarmos as visceras com a trepidação nos leitos pedregosos ou chamalotados de escavações tão regulares, como se houvessem sido feitas propóritamente.

E' o trabalho persistente e sólapador das enxuradas, cavando sulcos, que as rodas dos pesados caminhões vão aprofundando, enlarguendo, abrindo novos e sinuosos rasgões naquele barro empapado: aquele barro precioso que custou milhões e milhões de cruzeiros à Nação, ao município e até aos particulares.

Poucas estradas definitivas, feitas de pedra ou de concreto. Asfalto é material que o americano ceixou para nosso conhecimento, porque o uso que fazemos das poucas existentes, não nos anima sequer a conservá-las, quanto mais aumentá-las de extensão. Cimento, pedra, asfalto é cousa que, feita a capricho, ficará para filhos e netos.

Quem é que vai fazer obra de futuro, podendo improvisar? Onde iríamos aplicar as polpudas verbas federais, se todos os prefeitos, de comum acôrdo,

entendessem de pavimentar, pelo menos, a rodovia principal do seu município? Dentro em pouco, tudo estaria calçado, os transportes correndo velozes, sem desgaste do seu material, diminuindo o consumo de combustível, resolvido o problema de abastecimento urbano, com maiores lucros para os fornecedores e consumidores de gêneros alimentícios.

Tambem ninguém queria que êles, os prefeitos, fizessem tudo. Tem as eleições, as escolas e mais isso e mais aquilo, com que se gasta muito. Além disso, que iria ser do Departamento de Estradas de Rodagem, sem ter mais necessidade de construir obras de arte e engenharia, ou abrir atalhos e desvios (até que aquelas fiquem concluídas) das estradas principais, quando a simples colocação de uma boeira impede o tráfego pelo caminho mais curto?

x x x

Quem viaja por necessidade, nesses meses invernosos, fica edificado com o que vê, ao longo das rodovias.

Não que a gente queira falar mal de govêrno, porque afinal os govêrnos não andam por aquêles caminhos, senão préviamente anunciados, para que se os ponham em melhores condições. Por isso não vêem como o dinheiro que êles largam sem pena, para ser usado em melhoramentos para o povo, é tão mal aplicado, ou melhor, é criminosamente desbaratado, jogado nágua, (que se fosse em terra êle produziria alguma coisa) pelo próprio povo que o forneceu e dêle precisa tirar proventos.

Não se pode dizer que de tudo, de tudo é perdido, pois que a alguns ele aproveita e aproveita bem. Fale-se em aranzar uma "tarefa" numa estrada, ou instalar, um "barracão" e logo aparecem legiões de concorrentes, que isso é coisa de enriquecer depressa, qualquer pessoa, mesmo que, do assunto, só entenda a parte financeira. São os milionários das estradas, que poderiam ser de prata, se lhes applicassem todas as verbas a elas destinadas.

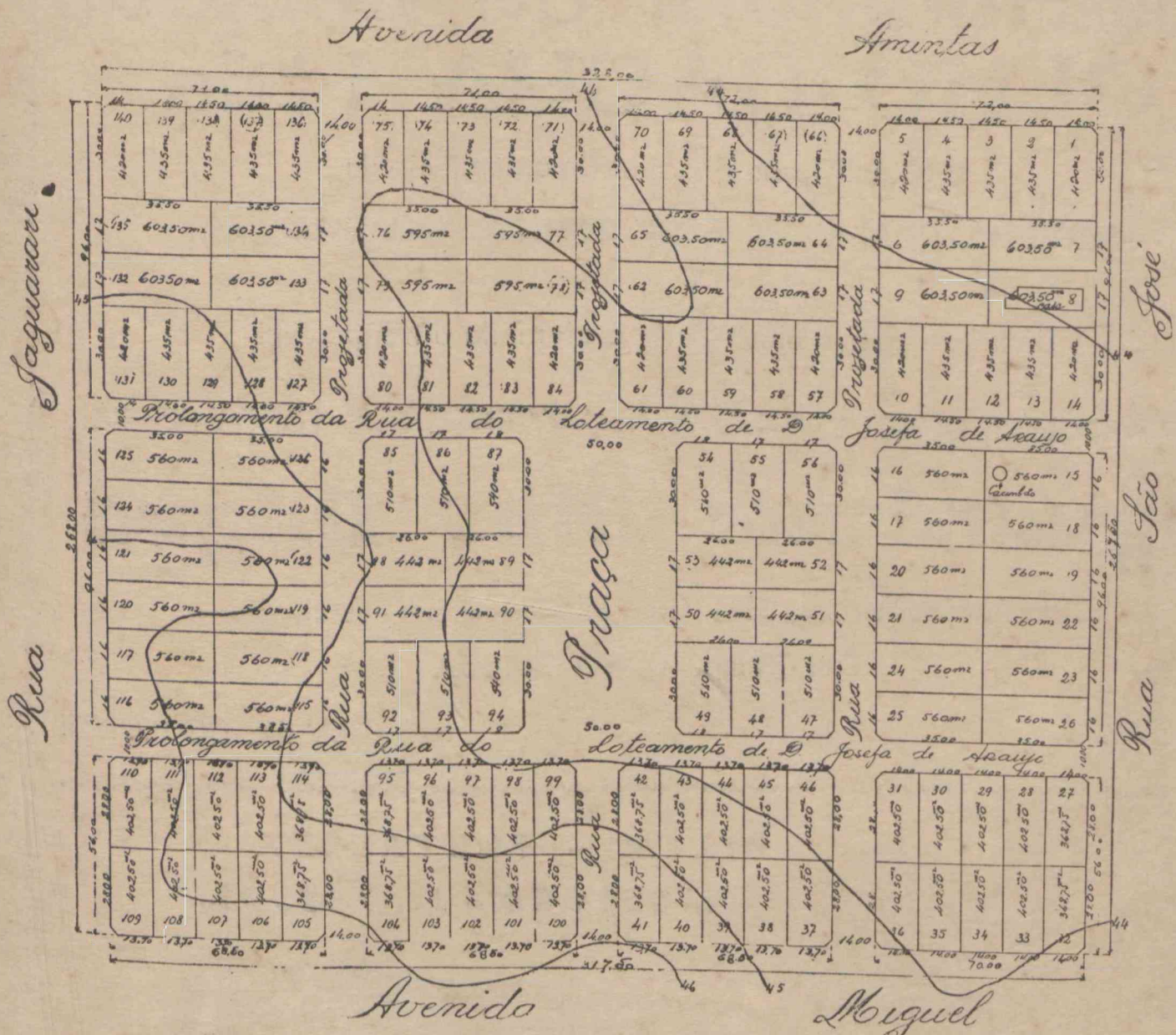
Mas até o trabalhador, o homem da enxada, lesa o governo, passando dias e dias no meio das estradas, fazendo que trabalha. Um buraco qualquer leva semanas, para ser reparado. Abrir um rêgo para escoamento de uma pôça que dificulta a passagem, ninguém faz, porque falta iniciativa. O melhor mesmo é deixar escavar ainda mais, até que se torne um lugar intransponível, porque outros aproveitarão, como indústria, para ganhar alguns cruzeiros dos passageiros apressados ou dos donos de veículo, que não podem ficar no meio das estradas.

Enquanto se espera uma providência, os gêneros alimentícios que a terra dadivosa produziu, ao contacto da chuva bemfazeja, vão apodrecendo, ou são vendidos a preços irrisórios a quem possa transportá-los, porque o pequeno agricultor, que móra longe

(Conclue na 13a. pagina)



**POTIGUAR DE INVESTIMENTOS S. A. (POTISA)**  
**LOTEAMENTOS DE TERRENOS**  
 Av. Tavares de Lira, 98 — 1.º Andar — Telefone n.º 1343  
 Loteamento do Snr. JOÃO BEZERRA DA SILVA  
 Bairro DIX-SEPT ROSADO



Lotes de Cr\$ 50.000,00 a Cr\$ 70.000,00 — 100 Prestações — Sem entrada e sem Juros  
 OTIMO TERRENO — EMPREGO DE CAPITAL GARANTIDO

**QUARTO CARTORIO**

Rua Camara Cascudo, 224 — Fone 1294

**TABELIÃO ALINIO AZEVEDO**

Encarrega-se de constituição de Sociedade Anônima — Escrituras de Compra e Venda e Contratos em Geral

**NATAL — RIO GRANDE DO NORTE**

**CIRO CAVALCANTE**

**MATRIZ** Av. Duque de Caxias, 170 — Fone 1269  
**FILIAL** — Av. Rio Branco, 171 — Fone 1903  
**FILIAL** — Alecrim — Rua Mario Negocio, 1518 — Fone — 2065  
 Esmeris — Eletrodos — Ferramentas — Retificação de Virabrequins — Recondicionamento de Bielas — Acessórios e peças para Automoveis  
**END. TEL. IMPEX. — NATAL R. G. NORTE**

**AEROTUR**

FONE — 11-44

Se V. S. quer viajar para qualquer ponto do territorio nacional, em avião da "Cruzeiros do Sul, Loide Aéreo, Panair, Varing ou Real-Aerovias, faça reserva de Passagem pela nossa organização. Telefone para 11-44 e teremos a maxima satisfação em lhe entregar, no prazo mais curto e em sua residência, no Escritorio ou no local onde V. S. determinar, sem qualquer aumento de preço, o seu bilhete de passagem

**A' VISTA E A PRAZO**  
**JOSE' PETRONILO FERNANDES**  
 Rua Frei Miguelinho, 121

**NATAL — RIO GRANDE DO NORTE**

# Distribuidora de Bebidas **OLHO DAGUA Ltda.**

Especialista na distribuição a domicílio de  
**CERVEJAS, GUARANÁS, ÁGUA TÔNICA, MALZIBIER, etc.**

Distribue com exclusividade a afamada e insuperável

**AGUARDENTE OLHO DAGUA, A AGUARDENTE QUE TODOS BEBEM**

## ***Aguardente Olho Dagua***

Rua Almino Afonso, 81. – Fone, 19-20 – Caixa Postal, 156 –

End. Teleg. **OLHO DAGUA**

NATAL

RIO GRANDE DO NORTE

BELEM – FORTALEZA  
MOSSORÓ – J. PESSOA

DA FÁBRICA

PARA

VOCE



CAMPINA GRANDE – RECIFE – MACEIÓ – NATAL

BREVEMENTE EM MANAUS